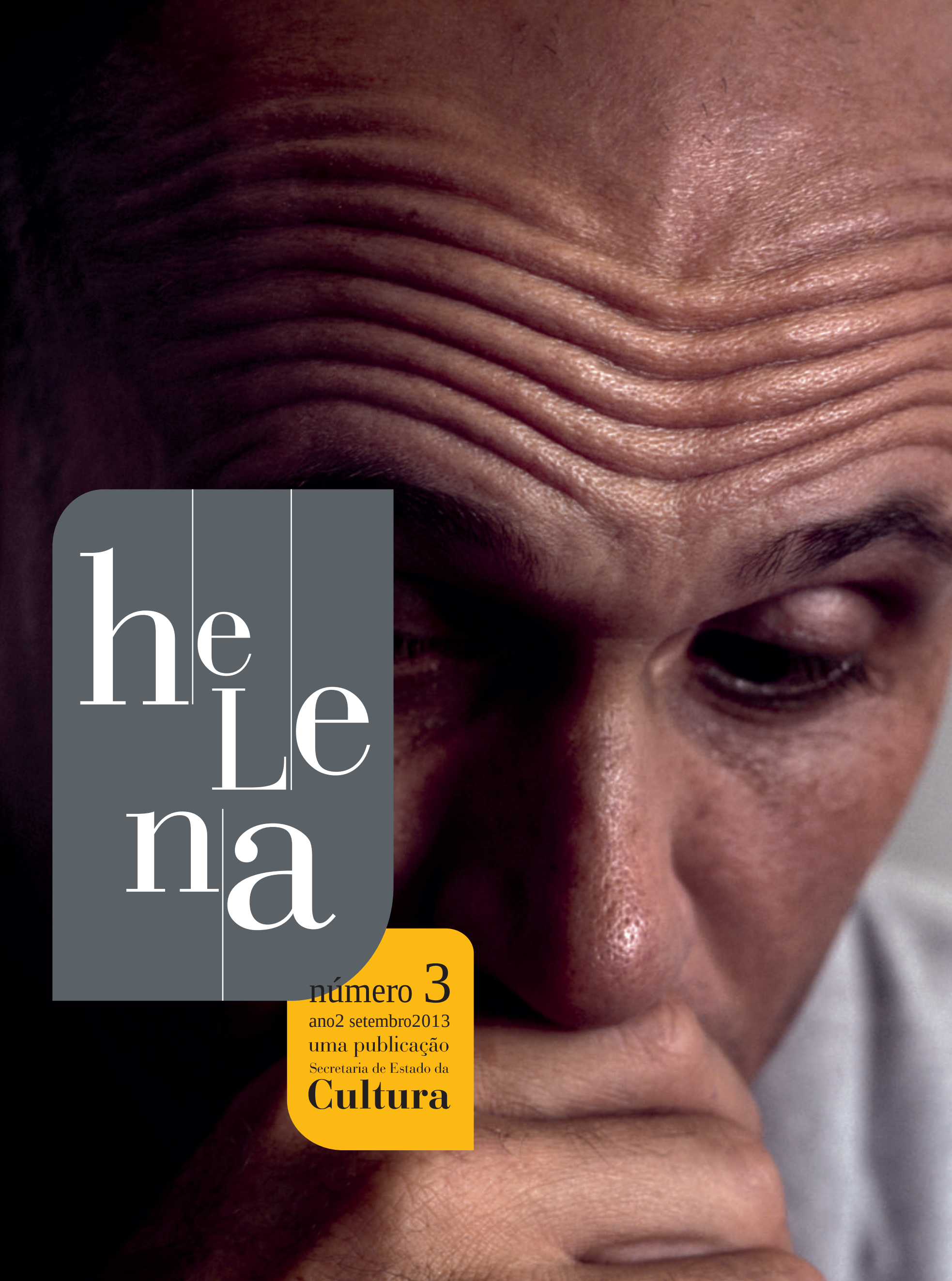




he Le na

número 3
ano 2 setembro 2013
uma publicação
Secretaria de Estado da
Cultura

EDITORIAL

Esta edição da *Helena*, que chega com a primavera, traz além do rico conteúdo de sempre um elenco de novidades inédito para uma publicação tão jovem: ao comemorar um ano de circulação, a revista revela, ao primeiro olhar, que passou por uma *facelift* — ficou mais magra, com menos páginas, e trocou a lombada quadrada pelo sistema de grampeamento. Com isso, a revista fica mais dinâmica e exigirá menos tempo de produção, para que possa dar conta de todas as manifestações culturais do Paraná que desejamos registrar.

Tudo de caso pensado, planejado. Depois de um sobrevoo panorâmico pelos “três Paranás”, que, grosso modo, constituem nossa identidade, começamos a desbravar essa tal pluralidade cultural de que tanto nos orgulhamos. Uma pequena degustação do que nos espera nesta edição: para alimentar a alma, despachamos Marcio Renato dos Santos a Paranaíba, onde foi conferir se a cidade é mesmo só poesia, como se autodefine. Para os prazeres da carne, convocamos André Pugliesi a nos revelar as razões de ser Curitiba detentora de um título no mínimo inusitado: capital da costela.

Dois exemplos de uma aposta que já nasce vencedora: a velha e boa reportagem, aquela que mergulha nas profundezas do tema, investiga seu passado, cheira o seu presente e cutuca o seu futuro. Tarefa que exige muito preparo, um pouco de malícia e uma dose incerta de paixão — tudo que faz parte do perfil de bons jornalistas e contadores/delatores de histórias. Ou seja, além de promover nossa cultura e nossos artistas, também promovemos o jornalismo cultural, que anda escasso no mercado virtual, em que uma tuitada vale mais que uma boa ideia. Francamente!

Isto posto e esclarecido, *Helena* renova seu compromisso de fidelidade à cultura do Paraná, seus protagonistas e sua gente. Na certeza de que cumprir missão tão nobre não é tarefa pequena, damos apenas um passo de cada vez, avaliando bem o terreno em que pisamos. E sempre haverá um terreno pantanoso a nos desafiar. Mas desistir seria covardia.

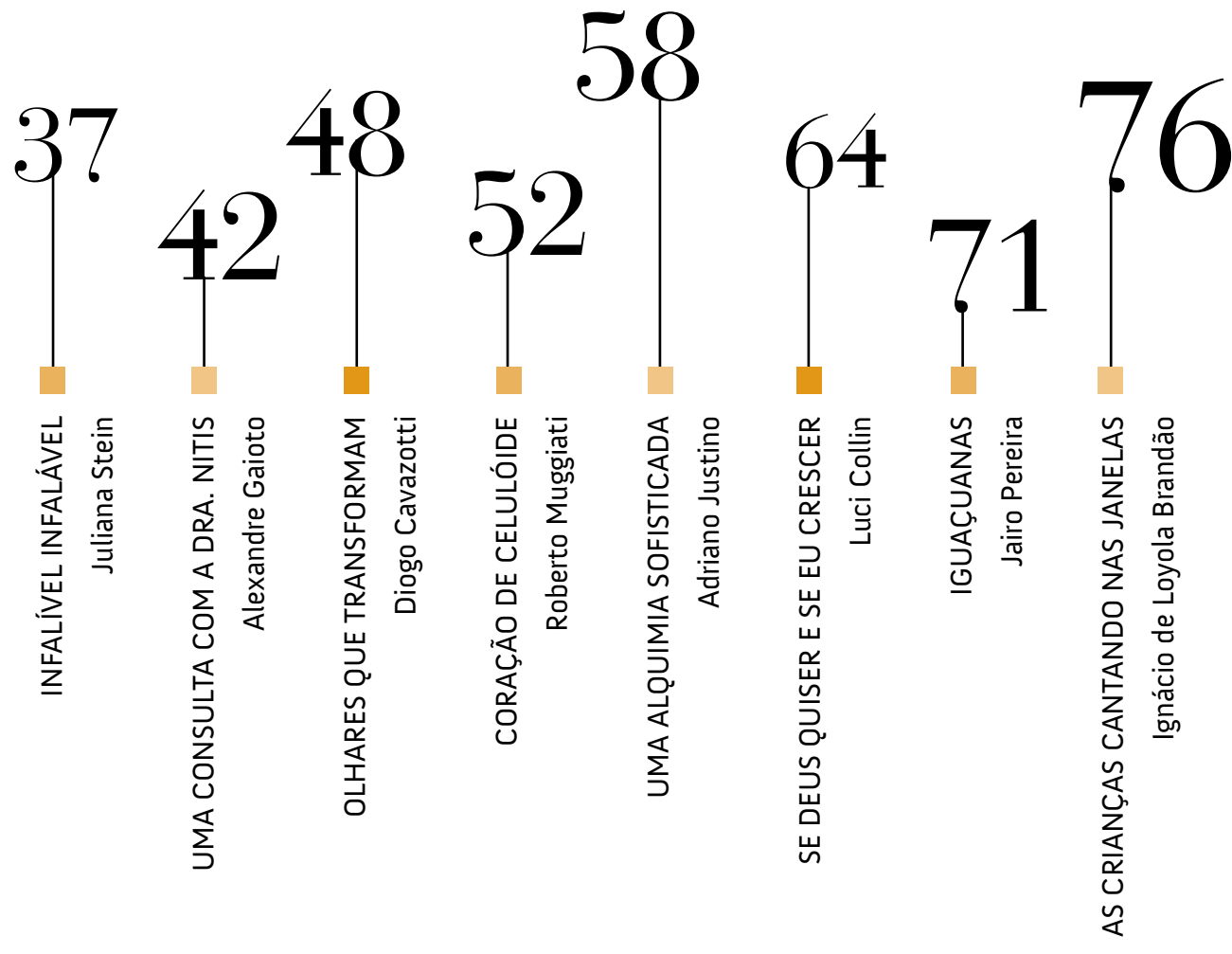
Boa leitura.

PAULINO VIAPIANA

Secretário de Cultura do Paraná

ÍNDICE

3	EDITORIAL	Paulino Viapiana
6	MONTE ALEGRE	John Dos Passos
9	DOMINGO EM SANTA FELICIDADE	Carlos Dala Stella
14	FUTURO DECLAMADO	Marcio Renato dos Santos
20	NOSSOS TRAÇOS	Claudio Yuge
27	A COSTELÂNDIA BRASILEIRA	André Pugliesi
32	24 HORAS NA BRASA	Luiz Felipe Leprevost





Az José
Aguiar

AMERICANO DE ORIGEM PORTUGUESA, O ESCRITOR JOHN DOS PASSOS (1896-1970) VISITOU O BRASIL TRÊS VEZES, EM BUSCA DE SUAS RAÍZES. ESTEVE NO PAÍS EM 1948, 1958 E 1963, REGISTRANDO UM PERÍODO DE GRANDES TRANSFORMAÇÕES. SEUS RELATOS DE VIAGEM FORAM REUNIDOS EM UM LIVRO, PUBLICADO ORIGINALMENTE EM 1963 E REEDITADO AGORA COM O TÍTULO DE *BRASIL EM MOVIMENTO* (EDITORA BENVIRÁ). NO TEXTO A SEGUIR, ELE NARRA SUA PASSAGEM POR CURITIBA, NO FIM DA DÉCADA DE 1950

Monte Alegre

por JOHN DOS PASSOS | ilustração JOSÉ AGUIAR

Quando você se dirige para o noroeste a partir de Curitiba, capital do Paraná, através dessas belas regiões do estado, chega depois de quatro ou cinco horas a uma região densamente coberta por coníferas. Conhecida como pinheiro-do-paraná, uma conífera que é na verdade uma espécie de araucária que se parece com um “pinheiro-manso” da Califórnia, dá um destaque especial às montanhas íngremes e aos vales ondulados. Nessa região, as florestas de pinheiros cobrem centenas de quilômetros quadrados. No meio deles, aproveitando-se da força da água de um dos verdes e rápidos rios que fluem para o rio Paraná seguindo para oeste, está a fábrica de papel de Monte Alegre.

Monte Alegre, com seus guardas e portões, ruas arborizadas e casas de pedra padronizadas em torno de gramados verdes, parece uma antiga *company town* [cidade cuja economia gira em torno de uma só empresa] na Nova Inglaterra ou do leste do Canadá. É a sede das indústrias Klabin, que fornecem cerca de um terço do papel usado nos jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Esse poderoso grupo de companhias constitui uma empresa familiar muito característica das grandes empresas brasileiras.

Três gerações atrás, um imigrante lituano abriu uma pequena papelaria em São Paulo. Como seu negócio cresceu e as remessas que vinham da Europa eram irregulares e pouco confiáveis, tornou-se difícil conseguir a quantidade de papel necessário. Começou então a experimentar ele próprio a fabricação de papel. Finalmente, viu-se operando a primeira indústria de papel bem sucedida no Brasil. Seus filhos também se tornaram bons empresários. Importaram técnicos europeus, compraram vastas áreas de floresta virgem e construíram o que foi em sua época uma indústria de papel totalmente moderna. Para garantir que não lhes faltasse polpa de madeira, partiram para um programa de plantação de árvores com a finalidade de renovar as florestas do pinheiro-do-paraná assim que elas fossem cortadas. Para aproveitar os subprodutos, expandiram-se para a fabricação de materiais químicos e plásticos.

Em Curitiba, cidade agradavelmente letrada com uma bela biblioteca pública e todo um antecedente de publicação e pesquisa histórica, conheci um dos netos do Klabin original. Eu estava ali para dar uma palestra num dos centros binacionais que oferecem cursos de língua inglesa, serviço de biblioteca e palestras sobre assuntos norte-americanos. Embora esses centros fossem empreendimentos do Departamento de Estado dos Estados Unidos, tinham nessa época um considerável apoio local, e constava que alguns deles eram autossuficientes. Em Curitiba, foi divertido descobrir que meu público era composto principalmente de pessoas que falavam alemão, oriundas de famílias alemãs que estavam no Paraná havia várias gerações. Algumas delas nunca tinham estado na Alemanha. Disseram-me que se eu visitasse o estado vizinho de Santa Catarina encontraria uma atmosfera ainda mais germânica. Horácio Klabin soube que eu estava interessado nos assentamentos que se multiplicavam no interior e, gentilmente, se ofereceu para levar nosso pequeno grupo para visitar as empresas de sua família em torno de Monte Alegre. Havia uma nova cidade de propriedade sua que ele queria que víssemos.

Durante a viagem, no que era então uma estrada de terra, empoeirada e cheia de buracos devido ao tráfego contínuo de caminhões, o que mais nos impressionou foi que tantos moradores das cabanas à beira da estrada dilapidada tivessem olhos azuis e cabelos claros. Em toda parte se viam crianças loiras. Klabin nos explicou que essas pessoas provinham de uma imigração polonesa que ocorrera cerca de vinte ou trinta anos antes. Sua língua era o português e seus costumes, brasileiros. A maioria deles esquecera a língua polonesa.

Horácio Klabin era um homem alto, moreno e *blasé*, com um jeito um tanto distraído. Sua educação e forma-

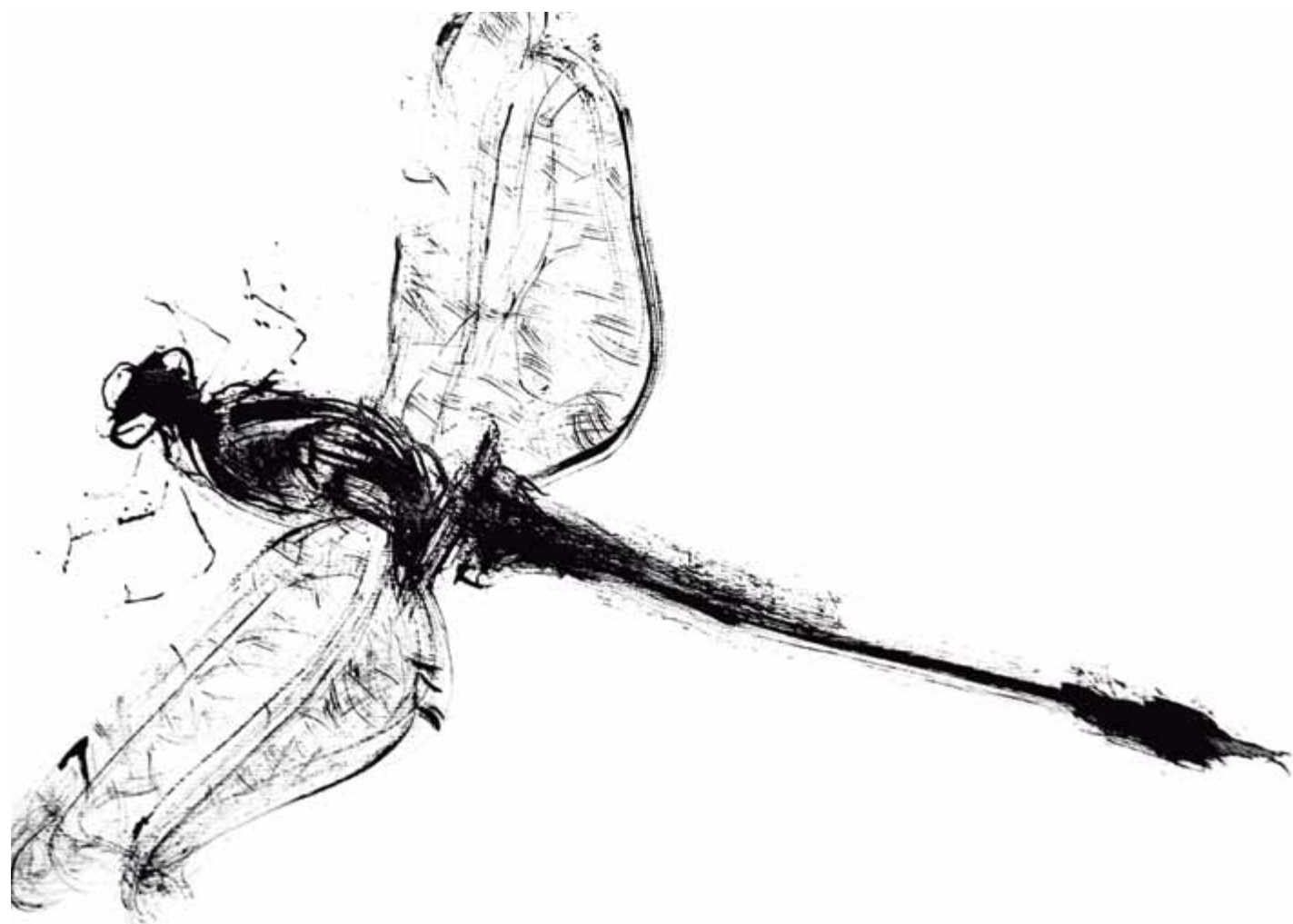
ção cultural pareciam ser inteiramente europeias. Estava atualizado em relação aos últimos acontecimentos em arte e literatura no mundo todo. Evidentemente, lia russo. Estava dolorosamente consciente de todo o desenvolvimento da expansão soviética e bem informado sobre os escritores do famoso “degelo” que estava, na época, ameaçando a rigidez do dogma comunista. Jantando em sua casa em Monte Alegre, naquela noite, nos deparamos com uma conversa internacional que podia perfeitamente ter ocorrido em Fontainebleau ou em algum subúrbio parisiense ao longo do Marne.

Ele nos alojou no hotel da companhia. Dos engenheiros, técnicos, e suas esposas e famílias que passavam pelo saguão era possível ouvir quase todas as línguas europeias; os brasileiros chamavam o hotel de Nações Unidas.

Pela manhã, depois de visitarmos a imensa fábrica de papel, cruzamos o rio para ver a área que Horácio Klabin estava construindo por conta própria na encosta verde que ficava em frente à fábrica. Sua ideia era fornecer casas que operários e técnicos pudessem comprar em prestações, para tirá-los da atmosfera semifeudal da cidade da companhia. Tudo na nova cidade seria independente da indústria de papel. Arbustos florescentes, bela vegetação. Havia um ar de originalidade modesta nessas construções. Ele nos mostrou várias residências brancas de diferentes tamanhos, moldadas para os salários das pessoas que ele queria que as comprassem. Quatro das casas mais atrativas estavam instaladas num terraço que cortava a íngreme margem do rio. Uma delas pertencia a um francês, outra a um húngaro e a terceira a um alemão. A última era ocupada pelo agente brasileiro do empreendimento imobiliário.

Quando Horácio Klabin nos mostrou o viveiro no alto da colina, sua postura se animou. Esse era seu *hobby*. Ele resmungou depreciativamente que toda a sua família estava obcecada com a plantação de árvores. As árvores que ele queria plantar em Monte Alegre eram oliveiras.

Ele explicou que, no período colonial, os brasileiros não tinham permissão para plantar oliveiras, para que o azeite de oliva continuasse sendo um monopólio português. Desde a Independência ninguém pensara em plantar oliveiras em grande escala no Brasil. Ele importara mudas e sementes de Portugal, Espanha, Itália e do Oriente Médio. Tinha também algumas variedades da Califórnia. Suas árvores jovens estavam florescendo. Logo iriam produzir. Se conseguisse introduzir uma indústria de azeite de oliva no centro do Paraná, disse ele com um sorriso reservado, realmente teria realizado algo por seu país. ■



Domingo em Santa Felicidade

O ARTISTA PLÁSTICO E ESCRITOR CARLOS DALA STELLA NARRA E ILUSTRA
UM MERGULHO NA INTIMIDADE DE UM HOMEM QUE VIVE PELO OLHAR



Sobre a mesa da biblioteca havia uma bandejinha de isopor com três libélulas secas. Faltavam algumas pernas. Mas as asas estavam intactas: minúsculos vitrais sem cor, translúcidos. Acompanhar com uma lupa aquela nervura de delicadezas foi a primeira coisa que ele fez naquele domingo, antes mesmo de preparar o café.

Depois, já na cozinha, o café preto na xícara, ficou pensando se seria capaz de desenhar uma libélula. Não uma libélula *ipsis litteris*, mas o grafismo dela, com seu motor dormente, pousada. “Abstrata e vera”, disse em voz alta, como um mensageiro de si mesmo, vindo de longe. Entre um gole e outro, o pressentimento de sempre, agri-doce, de que o mundo cabia numa ninharia.

No caminho para o ateliê, quebrou um galho de pitangueira da grossura de um dedo. Foi torcendo lentamente o galho para que as fibras se descolassem umas das outras antes de romperem. Conseguiu uma quebra irregular, cheia de pontas finas, como um tufo de escova. Mais à frente, arrancou um galhinho fino de um arbusto, repetindo o gesto de torcer até que primeiro a casca depois o cerne se rompessem, fibrentos. Ainda quebrou um terceiro galho.

Enquanto caminhava, pisando na sombra diagonal da araucária do pequeno bosque, ouriçava com o polegar a ponta dos gravetos que tinha colhido. Ao mais grosso caberia a conformação do corpo, “num gesto único”, soprou o chinês andarilho que percorria algum desfiladeiro obscuro de sua cabeça, irônico. Com os outros dois, dependendo da conformação de cada um, a nervura das asas.

Abriu a porta de baixo e subiu direto para o piso de cima. O sol entrava pelas janelas, desenhando longas tiras no cimento alisado. Espalhados pelo chão, pedaços de chassi, revistas, aparas de papel das últimas colagens, barbantes, lascas de bambu, panos sujos, algodão cru. Ele se apegava a toda espécie de sobra, porque sabia que em algum momento precisaria delas para começar algum trabalho. Tinha prazer em caminhar sobre essa porcaria toda, não havia melhor modo de tratar a inspiração.

Apanhou uma folha grande de papel e prendeu-a sobre um pedaço de papelão, que soltou no chão. Usava grampos de roupa, desses de madeira, antigos. Abriu o tinteiro de nanquim e ajoelhou-se em silêncio. O ronco dos motores, o som alto, martelado nos graves, chegava como se os carros passassem logo ali, do

outro lado da parede. Mas nada disso tinha muita importância, ele precisava apenas começar. À primeira equação se sucederiam outras, num ritmo às vezes mais, às vezes menos difícil, mas que afinal de contas daria em algum lugar.

Quem o visse pelas costas não veria nada. Apenas alguns movimentos repetitivos do braço direito, indo e vindo, a troca dos gravetos, o mergulhar deles na tinta, alguns respingos, resmungos. Mais nada. Foi o que pôde ver e ouvir a garota que acabava de subir as escadas, em absoluto silêncio, quase em câmara lenta, agora parada no último degrau, sem ser percebida.

Várias vezes ela o havia surpreendido assim, entregue ao trabalho. Sabia que era bem-vinda, mas não devia interrompê-lo. Ficou lá parada por uma boa meia hora, até que decidiu sentar. Ao dobrar as pernas o vestido armou um pouco, exalando o perfume do banho recém-tomado. Talvez ele tivesse terminado o desenho, mas também é possível que tenha sentido o aroma familiar — e virado de leve a cabeça, o olhar sobre o ombro esquerdo, convidando-a a se aproximar antes mesmo de sorrir.

Ela levantou, o contentamento assustado crescendo por dentro, e só então sorriu em retribuição àquele olhar. Ele largou o pincel improvisado, fechou o tinteiro e antes que levantasse sentiu os joelhos da filha nas costas, as coxas aninhando a cabeça.

— Achei que você ia dormir a manhã toda.

— Mas eu dormi a manhã toda — ela disse apontando com os olhos marotos o relógio parado numa das paredes, os ponteiros marcando 11h45 há séculos.

— É, vai ver eu não vi o tempo passar, como sempre. E, apertando os tornozelos da menina como se a chamasse: O que você acha, essa libélula está viva ou morta?

— Morta, claro — ela disse, entrando no parque de diversões do pai.

— Mas ela acabou de nascer.

— Sinto muito te dizer, mestre china, mas então ela nasceu morta.

— Você não gostou?

— Gostei muito, você fez com esses pauzinhos aí?

— Como é que você pode gostar se ela está morta?

— Não complica, uma coisa é uma libélula de verdade, voando solta por aí, outra um desenho.

É verdade que ele se sentia prolixo, gostaria de controlar o ímpeto de compreender as coisas, sem didatizá-las como fazia tão frequentemente. Será que a filha pressentia, como ele, que a vida sempre levava vantagem sobre um desenho, uma pintura ou um poema? Mas daí a dizer que um desenho é coisa morta...

Como se lesse seus pensamentos, ela continuou:

— Esquece, você complica tudo. — E puxou o pai pela mão. — Quero te mostrar uma coisa.

No sofá vermelho, lado a lado, ela levanta o vestido quase até a cintura, a calcinha branca transparente à mostra.

— Comprei ontem, não parece uma nuvem?

Pelas janelas pressente-se que o tempo está mudando. O vento faz caírem sapés sobre o telhado do ateliê, alguns pinhões encruados despencam. No pátio lateral, as folhas das helicônias e da bananeira balançam para lá e para cá, estandartes firmemente presos ao mastro. Os bambus rangem uns contra os outros. As rajadas de vento entram pelas frestas, levantando um pedaço de papel, uma asa seca de borboleta, um toco de barbante. A fina camada de pó do chão rodopia, invisível. O ar está mais quente do que de costume, a chuva prestes a desabar.

Quando a chuva amaina, eles sobem, não pelo bosque, mas pela estradinha de pedra, a cumplicidade em água viva. De ambos os lados, mais helicônias, touceiras de gengibre azul, espíritos santos. Tudo molhado, luzidio. Ela se inclina e arranca dois dentes de leão, curvados sobre o meio fio de cimento, protegidos por uma folha de bananeira. Dá um para o pai e levanta o outro na altura dos olhos. E assopra, fazendo as minúsculas sementes se soltarem bruscamente, flutuando no ar, para cima, para depois descerem, lentamente, algumas mais perto, ao alcance das mãos, outras mais longe, sobre o verde úmido, junto ao muro. O pai segura com cuidado aquele caule frágil, para que nenhuma semente se solte.

Mais tarde, enquanto ela põe uma música depois de passar bom tempo procurando um CD, na cozinha o molho para o macarrão vai adiantado. Banho tomado, o pai pica bem a cebola, corta em pedaços muito pequenos as azeitonas e separa os temperos: massala, tândori, pimenta Jamaica, noz moscada, manjeriço...

— Hoje o molho bolonhesa vai ficar meio asiático. Diz, como se tivesse absoluto controle culinário sobre os improvisos de sempre, irrepetíveis.

— Uma amiga que morou na Itália me disse que o macarrão que você usa é bem fajuto lá.

E completou, se adiantando ao que pressentiu que o pai diria — Mas aqui deve custar uma nota.

De costas, ele levanta e abaixa os ombros, simulando desconsolo. Voltando-se, a faca na mão, pergunta que música era aquela, meio melancólica. Já se podia sentir no ar o aroma da carne moída dourando, misturada aos

primeiros ingredientes. Ela disse que o pianista tinha sido seu professor de piano há uns dois anos — lembra? Sobre a tampa do teclado, num vasinho de cinco centímetros, o dente de leão que ele havia ganhado há pouco, as sementes brancas descabeladas.

— Wandula, ele toca num grupo chamado Wandula, aqui de Curitiba. Não acho melancólico, também não se parece com aquela porraloquice do Bordello que você ouve. E dirigiu-se à cozinha, onde começou a pôr a mesa, sem pressa. Antes mesmo de terminar, serviu dois copos de vinho e ofereceu ao pai. O seu não tinha mais do que um dedo. Bebericaram brindando de longe, com os olhos. Ela tinha olhos verdes, bem à superfície.

Depois do almoço, enquanto a filha carrega a máquina de lavar com pratos e talheres, ele deita no sofá da sala. A música terminou. Por uma das portas de vidro vê-se o frescor das folhas no pequeno bosque, as milhares de gotículas resplandecendo ao sol, que acaba de voltar. As bromélias estão transbordantes de água, os galhos dos podocarpos encharcados. O verde, vivificado pela tromba d'água de há pouco, deixa passar agora os raios do sol.

A tarde vai pela metade. Uma faixa de sol entra na sala e ilumina a fotografia na parede dos fundos, junto à escada. Nela aparecem mãe e filha, brincando na areia da praia, à sombra de um imenso guarda-sol branco. A filha tem um ano, ano e meio, no máximo. A mãe não mais do que vinte. A menina tenta enfiar o dedo em alguns buraquinhos feitos na areia, que a mãe não para de encher de água. Se fosse lembrar aquela manhã na praia, o pai certamente lembraria da gargalhada da menina quando a água borrijava para fora assim que o dedo entrava no buraco. Apesar das várias tentativas, não conseguiu registrar o riso da filha. Mas a expressão de alegria da mãe estava lá.

Aos poucos o sono foi chegando, até que ele capotou, para só acordar no finalzinho da tarde, com frio nas pernas. Sentou-se. Sobre o vidro da mesinha de centro um bilhete, a letra uniforme, levemente inclinada para a direita, e a moldura em arabesco, emoldurando as três linhas. Leu, sem que se apagasse a expressão de sono em seu rosto. O que teria sonhado? Não lembrava. Colocou o bilhete de volta sobre a mesa, olhou ao redor da sala conferindo num milésimo de segundo o lugar de tudo, apatetado. E levantou.

Depois de caminhar a esmo pela casa, desceu para a lavanderia, onde encheu o regador, jogando uma tampinha de adubo na água. Subiu, molhando as plantas dos vasos, os lírios da paz, capim-limão, cróton, o bonsai sobre a pedra, os cactos minúsculos. Aos poucos percorreu a varanda de uma ponta a outra, até chegar ao antúrio, junto à biblioteca. O balde vermelho tinha desaparecido dentro do vaso,

arreventado por força das raízes, apodrecido. Há 20 anos aquele antúrio ocupava o mesmo lugar, pegando o sol da manhã, há 20 anos dava flores ininterruptamente. Quantas vezes não pegara a menina, ainda criança, brincando com elas, um pedaço da folha vermelha na boca, ou a espiga amarela na mão.

Anoiteceu, faz mais de hora que ele está na biblioteca, sentado à mesa de trabalho. Logo ao lado estão as libélulas secas, mas ele não se ocupa delas. Na frente da telinha do computador, abre e fecha janelas, checando informações. Eventualmente vai até a estante e separa um livro. Escreve e reescreve, sempre com interrupções. Às vezes levanta, vai até a enorme porta de correr e encosta o nariz no vidro. Lá fora os sininhos japoneses estão mudos. Nenhum vento, nenhum sopro, sequer uma brisa. A escuridão engole tudo, mal se vê o contorno das árvores, o bloco maciço do ateliê — bloqueando a rua.

O telefone toca, preenchendo o vazio. Pelo som da campainha ele intui quem é. Atende, indo para o sofazinho de vime. Em silêncio puxa as pernas para cima, aconchegando o corpo nas almofadas. Sente-se no ar o prazer com que ele se entrega à semiobscuridade da biblioteca. Só o abajur da mesa de trabalho está aceso. A tela do computador continua aberta, luminescente. Antes que a proteção de tela apague tudo, não há porque não satisfazer pelo menos essa curiosidade, afinal aquele poema nunca seria publicado:

há dois escândalos

antípodas porém complementares

no reino das flores: o antúrio

cuja espiga central enche os olhos da menina

de espanto e inflorescências

e a tulipa africana, que ao romper

o involúcro de sua florescência

expõe ao sol a vulva de pétalas rubras

fazendo arder obscenidades

nos olhos do velho ■



.....
• Carlos Dala Stella dedica-se às artes plásticas e à literatura.
• É autor, entre outros, de *Bicicletas de Montreal* e *O Gato sem Nome*.

Futuro declamado

por MARCIO RENATO DOS SANTOS | fotos AMAURI MARTINELLI

AUTOPROCLAMADA CIDADE POESIA, PARANAVAÍ MANTÉM HÁ QUASE MEIO SÉCULO UM FESTIVAL DE CULTURA QUE ESTIMULOU GERAÇÕES, MAS AINDA BUSCA VISIBILIDADE



Marcos da Cruz, de 23 anos, é formado em História, mas costuma ser identificado pelos moradores de Paranavaí como artista. Ele é um declamador. Na cidade do extremo Noroeste paranaense, declamar poesia faz parte do cotidiano. Em geral, não se enuncia o próprio texto, mas poemas de outros autores. Cruz tem no repertório dezenas de textos líricos, de Cecília Meireles a Marco Cremasco. A diferença entre a declamação e a performance de um ator é, na definição do jovem paranavaense, a seguinte: “O ator passa por um processo de preparação para criar o personagem e às vezes se utiliza de recursos cenográficos para representar. Já o declamador tem de usar apenas a voz e o corpo para transmitir alguma emoção”.

Foi por meio da declamação que Marcos da Cruz encontrou o seu espaço no mundo. É professor, ator e, acima de tudo, respeitado na comunidade em que nasceu e vive por declamar poemas. Ele não é um caso isolado. Paranavaí é conhecida como a Cidade Poesia. A denominação se deve a um evento que neste ano chega à 48ª edição: o Femup, Festival de Música e Poesia de Paranavaí.

A criação do Femup é atribuída a um professor do Colégio Estadual de Paranavaí. Gomes da Silva estava à frente de um curso de oratória para os alunos do clássico (equivalente ao ensino médio) quando, em 1966, foi realizada uma noite cultural com declamação, concu-

so de poesia e música. O professor, contam os paranavaenses, teria sugerido que o evento fosse batizado de festival. “Porque o nome sugere festa e alegria. Vamos chamar de 1º Festival de Música e Poesia, pois, assim, o encontro poderá ter continuidade”. A frase do falecido professor foi profética. Desde 1966, o Femup é realizado, sem interrupção, todos os anos.

“O Femup é o maior patrimônio da cidade”, diz Cleuza Cyrino Penha, de 84 anos, autora de 15 livros e testemunha do festival desde a sua primeira edição. Ela conta que, antes de 1966, os alunos do curso clássico já se reuniam em sua casa para ler, escrever e declamar poemas. Para beber, apenas suco de erva cidreira — bebida que, de acordo com Cleuza, levanta o astral. “Esses encontros, que culminaram no Femup, surgiram da necessidade que algumas pessoas tinham de se expressar. E, se alguém tem vontade de declamar e escrever, nada impede”, comenta a mulher chamada de Tia Cleuza pelos moradores de Paranavaí.

A força da comunidade

A historiadora Rosi Sanga, de 35 anos, analisa que o surgimento e a continuidade do Femup têm relação direta com a união dos moradores de Paranavaí. Fundada em 14 de dezembro de 1952, a cidade recebeu pessoas jovens que queriam fazer a vida no Noroeste do Paraná. “Muitos começaram os seus percursos profissionais na cidade e fizeram de tudo para se tornar bons profissionais. Os pioneiros acreditavam neles mesmos e em Paranavaí e isso se refletiu no Femup”, diz Rosi, declamadora, atriz e coordenadora cultural da Casa de Cultura Carlos Drummond de Andrade.

Apesar dos 60 anos oficiais, o local foi habitado pelo menos desde a década de 1920. Paulistas, mineiros e nordestinos migraram para a região, chamada de Vila Montoya, com a finalidade de trabalhar no cultivo do café. “A Vila Montoya foi palco de muitos crimes que a história não registrou. Ao assumir o poder, no final da década de 1930, Getúlio Vargas, sabendo que havia partidários do governo deposto, alegando existir vandalismo, dizimou o povoado de Montoya”, conta Paulo Campos, de 59 anos, advogado e escritor paranavaense, completando que, em seguida, o local passou a se chamar Fazenda Brasileira.

“Depois de tanta violência e derramamento de sangue, só poderia mesmo surgir um movimento cultural intenso e caloroso em Paranavaí”, comenta Campos, referindo-se ao Femup e ao comportamento fraterno dos moradores da cidade, onde já prosperou a cultura da mandioca e, desde os anos 1990, há produção superavitária de laranja.



Há placas com poemas espalhados por diversos pontos de Paranavaí.

Frutos do Femup

O que surgiu por iniciativa da comunidade foi incorporado pelo poder público. Desde que foi criada, em 1986, a Fundação Cultural de Paranavaí passou a coordenar o Femup — atualmente, a instituição investe R\$ 64 mil para premiar 56 vencedores em quatro categorias (música, poesia, conto e declamação) durante a mostra realizada na segunda quinzena de novembro. “Faz algum tempo que há triagens, como o concurso Zé Maria, que seleciona os declamadores. Então, nos dias do festival, os participantes não sofrem tanto com o nervosismo de uma competição, uma vez que todos que se apresentam são vencedores. O clima é de festa e confraternização”, diz o diretor-presidente da fundação, Paulo Cesar de Oliveira, de 62 anos.

Oliveira é um paranavaense envolvido com o Femup desde a década de 1970. Em 1977, ele participou da fundação do Gralha Azul, conjunto musical que se caracteriza por um repertório de mais de 100 composições que tratam de temas paranaenses, com títulos como “Mistérios do Rio Iguaçu”, “Ipê Rosa”, “Nas asas da Juriti” e “Sonho em Curitiba”. “O Gralha Azul é fruto do ambiente proporcionado pelo Femup”, afirma. O cantor, compositor, violonista e, hoje, dirigente público, atuou na primeira montagem

do Teatro Estudantil de Paranavaí (TEP), em 1969 — o grupo tem dezenas de encenações no currículo em mais de 30 anos de atividade. “O Femup estimula e agrega todas as atividades culturais em Paranavaí, percebe?”, afirma.

A trajetória de Dorival Torrente, de 57 anos, tem pontos de contato com a de Oliveira. Ele também participou da fundação do Gralha Azul e atuou como ator no TEP. Mas, diferentemente do amigo compositor, Torrente é — acima de tudo — declamador. Com 30 poemas no repertório, consegue declamar por 50 minutos e diz que a declamação faz parte de seu cotidiano. “Declamo durante uma refeição, nos encontros com amigos, em qualquer circunstância.” Ele é pai de Uyara Torrente, a vocalista da Banda Mais Bonita da Cidade. “Minha filha cresceu em meio a declamações e foi premiada no Femup. Depois, foi estudar teatro em Curitiba, montou a banda e o resto já é história”.

O fator Barriguda

Além do reconhecimento na cidade, “da aceitação e do aumento da estima”, como observa a historiadora e artista Rosi Sanga, os vencedores do Femup têm as suas produções registradas — em livro, no caso das categorias conto e poesia, e em CD, para as canções e os declamadores. “Não fosse o Femup, talvez eu nem tivesse vontade de apresentar, para os outros, as minhas composições”. A afirmação de Jefferson Larsen, 23 anos, traduz o que pensam outros paranavaenses que compõem, escrevem e declamam.

A possibilidade de conquistar uma Barriguda (o troféu é no formato de uma índia de proporções generosas na cintura) e ter uma canção endossada pelo júri do festival fez com que Larsen inscrevesse “Terra do Carnaval” na edição de 2011 do Femup. Ele foi premiado. A banda na qual tocava contrabaixo e cantava, a Malditos Garotos, se desfez, mas Larsen vai dar um jeito de participar do festival com uma nova canção neste ano. “Quero continuar compondo. Meu modelo é o Marquinhos Diet”, diz, referindo-se a um compositor local que em 1994 venceu o concurso FestValda e, como prêmio, ganhou um videoclipe para a sua canção “Efeito Pretérito”, dirigido pela cineasta Tizuka Yamasaki.

Altair Cirilo dos Santos, de 48 anos, sentiu impulso para, de fato, escrever poesia em 1978, ao ler, nas páginas do jornal *Diário do Noroeste*, poemas vencedores do Femup. “Eu disse: é isso que eu quero para mim. Mas tenho de amadurecer.” Poeta desde menino, seguiu lendo e escrevendo e apenas na década de 1990 iria disputar, e conquistar, um troféu barriguda. “Em Paranavaí, muita gente só percorreu um caminho artístico por causa do Femup. Eu sou um



Altair Cirilo dos Santos, poeta e policial militar:
“A poesia veio antes. Não uso a realidade do meu trabalho para escrever”.

exemplo”, afirma Santos, policial militar desde 1985. Mas, como ele mesmo observa, seu cotidiano profissional não é matéria-prima para os poemas que escreve. “Meus sonhos desabroçam/ como pássaros/ a minha noite é uma suave mão/ em concha/ não atiro sequer a última pedra”, escreveu em um poema de *Viagens* (2011), seu quarto livro.

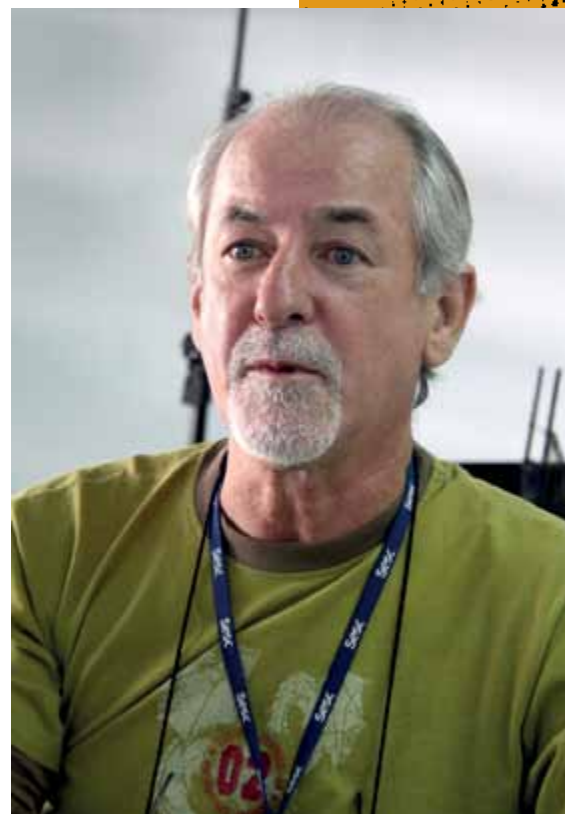
Mais visibilidade

Apesar do efeito do Femup na classe artística de Paranavaí, nem todos os 80 mil moradores acompanham o festival e as suas atividades. Nelson Costa, de 17 anos, já ouviu falar, mas nunca esteve em uma edição do evento. Jéssica Tavares Gonçalves e Camila Quinalle, ambas de 19 anos, praticamente repetem o discurso de Costa. Preferem passear pelas ruas da Cidade Poesia, onde a temperatura média de 20 graus exige manga curta — alguns circulam lentamente de sandália ou chinelo e a conversa na calçada se faz em volume mais elevado, por exemplo, do que no quase silêncio dos bate-papos de Curitiba.

O advogado Cleiton Dahmer, de 32 anos, conferiu a edição de Femup de 2009 no Teatro Municipal Altino da Costa e diz ter noção da importância do evento para estimular e ampliar o repertório cultural da cidade onde funcionam quatro rádios FM, duas AM, uma comunitária, um jornal diário e uma unidade afiliada da TV Globo.

Paulo Campos tem a convicção de que, apesar de ainda pouco presente no cotidiano do paranavaense, o Femup foi decisivo para muitas pessoas. Premiado com poema no evento, acabou se dedicando ao conto. É autor do livro *Memórias de Luta e uma História de Amor* e um dos textos da obra, “Rosalina e as Rosas Vermelhas”, foi incluído em *Assim Escrevem os Paranaenses* — antologia organizada por Domingos Pellegrini. “Quem fez teatro, apresentou uma canção ou escreveu um poema ou um conto e conviveu no ambiente do Femup, sem dúvida, ampliou os horizontes. Mesmo aqueles que não seguiram a carreira artística, acabaram tendo uma vida melhor”, diz Campos, advogado em Paranavaí.

O diretor-presidente da Fundação Cultural de Paranavaí, Paulo Cesar de Oliveira, anuncia que para os 50 anos do Femup, em 2015, a ideia é fazer com que o evento tenha mais visibilidade, inclusive em âmbito nacional: “Estamos aprimorando o Femup. Temos uma história. Agora, o Brasil tem de, enfim, conhecer a Cidade Poesia”.



Dorival Torrente, um autodidata que se encontrou no mundo declamando poesia: “A declamação faz parte de todo o meu cotidiano”.



A misteriosa Vila Rosa Maria

O POETA CURITIBANO SÉRGIO RUBENS SOSSÉLLA (1942-2003) VIVEU 17 ANOS EM PARANAVAÍ, ONDE CONHECEU E SE CASOU COM UMA MULHER CUJO NOME BATIZOU SUA BIBLIOTECA COM MAIS DE 20 MIL OBRAS

fotos AMAURI MARTINELI

A Vila Rosa Maria tem 360 metros quadrados. Está situada a dois quilômetros do centro de Paranavaí. O pedestre que segue na calçada ou o motorista que passa pela rua não tem como saber da existência do local. A placa só é visível para quem entra por um dos portões e caminha 20 passos até a porta. Vila Rosa Maria é o nome da biblioteca, e sala de trabalho, onde o poeta curitibano Sérgio Rubens Sossélla (1942-2003) passou parte significativa de sua vida.

Sossélla chegou em Paranavaí no ano de 1986. Já estava aposentado da carreira de juiz. Conheceu Rosa Maria, moradora da cidade do Noroeste paranaense, e os dois se casaram. Construíram uma casa de 360 metros quadrados e, no mesmo terreno, a biblioteca.

“Se eu morrer, não venda a minha biblioteca”.

O pedido foi feito por Sossélla no ano 2000, quando ele começou a sofrer com problemas de saúde, devido ao consumo diário de três carteiras de cigarros e da convivência com ácaros do local onde estão armazenados mais de 20 mil livros.

Rosa Maria, de 61 anos, respeitou o pedido do marido.

Mais que isso.

Ela continua comprando livros recém-publicados, por exemplo, do escritor chileno Roberto Bolaño e de outros autores de quem o marido era leitor, para abastecer a coleção.

“Sou espírita. Às vezes, tenho a impressão de que o espírito do Sossélla ainda está aqui”.



O que, de fato, há na biblioteca são livros de literatura, linguística, teoria literária, ensaio e poesia. *Transblanco*, de Octavio Paz, está ao lado de uma edição de *Água Viva*, de Clarice Lispector. A poucos livros, na mesma estante, estão *Viver para Contar*, de Gabriel García Márquez, e obras de Mario Vargas Llosa, Otto Maria Carpeaux e Jorge Luis Borges.

Os 300 livros que Sossélla escreveu e publicou, entre os quais *Ontem, Hoje, Amanhã* e *Ao vencedor, as Batalhas*, também estão em estantes onde há sachês de pimenta do reino e louro — que espantam traças.

O poeta era metódico

Ele acordava às 8 horas e, após o café da manhã, entrava — e permanecia — na Vila Rosa Maria até as 12, 13 horas. Almoçava, dormia por 30 minutos e retornava para o local onde ficava lendo, pensando e escrevendo até às 19 horas. Jantava e, das 22 horas até as 3 da manhã, retornava para a leitura e a escrita.

“Ele viveu dessa maneira de 1986 até o ano 2000. Reduziu o ritmo depois que adoeceu, mas leu e escreveu até a véspera da partida, em 2003”, conta a esposa.

Sossélla colecionou moedas, xícaras e objetos de corujas — tinha mais 100 souvenirs da ave predileta, muitas de porcelana.

No quintal, a família preserva um Corcel, de 1980. Sérgio Augusto Cardoso Sossélla, de 26 anos, dirige pelas ruas de Paranavaí o carro, dentro do qual seguia no banco de passageiro, quando menino, com o pai na direção. Serginho concluiu o curso de Direito e, a exemplo de Sossélla, também quer se tornar juiz.

“Não conversei muito com meu pai sobre literatura. Eu queria jogar bola e ele estava sempre lendo. Teve um ano em que saiu para fora do portão apenas quatro vezes”.

Rosa Maria está em busca de uma editora comercial para publicar toda a obra do marido, incluindo centenas de inéditos. Sossélla dizia para a esposa que, um dia, a sua poesia teria visibilidade e leitores. Em uma das estantes da biblioteca dela, há a seguinte frase: “Devagar e sempre/ ninguém passa na frente”.

Algumas lâmpadas se apagam na Vila Rosa Maria. Ninguém apertou os interruptores. “Deve ser ele. Só pode ser ele. Estou arrepiada. Acho que o Sossélla está aqui”, diz Rosa Maria.

É o momento de partir. ■

.....
• Marcio Renato dos Santos é escritor e jornalista. Publicou os livros
• de contos *Golegolegolegah!* e *Minda-au*. Atualmente, trabalha
• no Núcleo de Editoração da Secretaria da Cultura do Paraná.



Rosa Maria Sossélla atualiza a biblioteca de seu marido, morto em 2003, com títulos recém-publicados, como os do escritor chileno Roberto Bolaño.

Serginho, filho de Sossélla, quer seguir o caminho do pai. Concluiu o curso de Direito, sonha em se tornar juiz. Aos poucos, está começando a ler alguns títulos da biblioteca paterna.

Nossos Traços

SEJA NOS MURAI, NA PUBLICIDADE OU NOS QUADRINHOS, HÁ UMA
INEGÁVEL TRADIÇÃO DE ARTES GRÁFICAS NA CULTURA PARANAENSE

por CLAUDIO YUGE | fotos DANIEL CARON

O Paraná é um celeiro de artistas gráficos. E os exemplos são visíveis, estão espalhados pelas ruas do Estado — seja nas obras do multifacetado Haroldo Alvarenga, em Foz do Iguaçu; nas xilogravuras e ilustrações de Paulo Menten, em Londrina; ou nos inconfundíveis painéis de Poty Lazzarotto, em Curitiba. Mas de onde vem essa inspiração? Temos realmente uma tradição na área? Um estilo próprio?

Para encontrar respostas, é preciso entender como as artes gráficas se desenvolveram no ambiente culturalmente heterogêneo do Paraná. Um processo que começou com a industrialização do Estado e tem uma figura de proa: Alfredo Andersen. No início do século XX, o artista dava aulas de desenho e formou centenas de profissionais capazes de produzir ilustrações técnicas de maquinário.

Igualmente fundamentais, Guido Viaro e Poty Lazzarotto se destacaram nas décadas seguintes, inclusive levando a ótica cultural das artes gráficas para a revista *Joaquim*, editada por Dalton Trevisan. A partir daí, surgiu uma geração inteira de desenhistas, ilustradores e cartunistas, encabeçada por gente como Oswaldo Miranda (Miran), Luiz Solda e Luiz Rettamozo.

“O Miran e o Solda são nossos maiores representantes, o humor deles influenciou até a poesia”, opina Ademir Paixão, que há 27 anos faz ilustrações para o jornal *Gazeta do Povo*. “Mas não acredito que exista um estilo paranaense. Também não vejo necessidade de existir. A minha charge, por exemplo, não é localizada”, diz.

Filho de barbeiro, Luiz Rettamozo começou fazendo retratos dos clientes do pai após o corte de cabelo.



Ele tem razão. Mesmo nessa “geração de ouro”, é difícil encontrar traços representativos o suficiente para definir um estilo paranaense. Essa diversidade tem muito a ver com o advento das agências de publicidade, que abriu um novo mercado de trabalho para artistas. Solda e Rettamozo são nomes emblemáticos desse momento.

Luiz Rettamozo, mais conhecido entre os chegados como Retta, começou a desenhar ainda criança. “Meu pai tinha um salão de barbeiro que também era armazém. Os filhos ajudavam a cuidar e eu fazia o retrato das pessoas, depois do cabelo cortado. Então tinha as opções ‘com retrato’ ou ‘sem retrato’”, lembra o artista de 64 anos, que mantém uma galeria de arte no bairro do Batel, em Curitiba.

Retta, como Solda, cresceu envolvido por histórias de mocinho e bandido, de mistério e ação. Ele cita personagens como Kid Colt, Buffalo Bill e Robin Hood, além da lendária radionovela *As Aventuras do Anjo*, recriada nos quadrinhos pelo mestre Flávio Colín. “Na minha infância, via muito as ilustrações do Poty Lazzarotto na revista da Civilização Brasileira, ainda em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Também lembro dos desenhos dele no livro de poesias da Cecília Meireles”, conta.

Luiz Solda: “A agência de propaganda foi como uma escola para nós”.



Seu ingresso na publicidade aconteceu cedo, quando ele tinha 19 anos. “Comecei trabalhando nessa área meio por acaso. Fui para Porto Alegre e entrei para uma agência fazendo capas de calendário das tintas Renner”, lembra. “Nessa época, a gente se reunia em bares e na própria agência, que era um lugar para onde se levava gente legal para trabalhar com você. Foi assim que levei o Solda, em 1972”.

Luiz Solda, hoje com 61 anos, já trabalhava como auxiliar de escritório na Rede Ferroviária Federal, onde também colaborava com a revista *Correio dos Ferroviários*. “Na época em que começamos na propaganda, não havia faculdade de Comunicação. Quem trabalhava na publicidade eram os artistas plásticos, desenhistas, advogados, escritores, poetas, etc. E todos compartilhavam o conhecimento. A agência de propaganda foi como uma escola para nós. Era uma época efervescente, que durou entre as décadas de 1970 a 1990”, afirma Solda, que trabalhou com figuras como Paulo Leminski e Janil Snege durante esse período.



Capa de revista da Grafipar ilustrada por Claudio Seto.



Capa do livro *Tesouros da Grafipar*, projeto de resgate cultural da lendária editora de quadrinhos paranaense.

A era Grafipar

Em paralelo ao circuito da publicidade, as artes gráficas paranaenses ganharam um impulso muito grande com a vinda de vários quadrinistas a Curitiba. Tudo começou com o investimento da família libanesa El-Khatib no mercado editorial local, que culminou com a criação da Grafipar, empresa inicialmente voltada para o setor educacional — mas que acabou investindo em outro nicho, bem distante dos dicionários e livros de História.

“Era a época da ‘anistia geral e irrestrita’ e do afrouxamento da censura, o que resultou na busca por material erótico, explorado cada vez mais pelas editoras. A Grafipar em Curitiba investiu neste segmento, lançando vários títulos de revistas com matérias adultas, temas tabus, fotos de modelos nuas e quadrinhos eróticos. Os quadrinhos que vinham dentro das revistas masculinas *Peteca* e *Personal* foram tão bem aceitos que viraram outras revistas. Aliás, dezenas de títulos foram lançados a partir daí”, recorda o artista Gustavo Machado, que hoje reside em Londrina.

E pôe bem aceito nisso. Pra se ter uma ideia, o suplemento de nome sugestivo *Peteca* virou revista em 1976. O sucesso foi tão grande que a publicação chegava a vender 300 mil exemplares mensalmente, rivalizando com a *Playboy*. Um fenômeno “indie”, digamos assim.

“Em Curitiba, éramos cinco profissionais, criando quadrinhos e morando como vizinhos no bairro Três Marias, subdistrito do São Brás. Mas havia muito mais colaboradores de São Paulo, Rio de Janeiro, outros estados do Sul e Nordeste. Não sei precisar o número, mas no auge da Grafipar eram mais de 50 profissionais trabalhando, entre desenhistas e argumentistas”, conta Machado.

Os consumidores dos gibis eróticos da Grafipar eram, em média, jovens de até 25 anos, que compravam as revistas lacradas e com aviso de impróprias para menores de 18. Até o início da década de 1980, o teor erótico era bastante limitado, não havia pornografia explícita. E ainda havia censura por parte da ditadura militar, que nos primeiros anos chegava a ameaçar os autores.

“A partir de 1982, a censura relaxou e as editoras concorrentes começaram a apelar com material explícito e importado, que o leitor desse tipo de publicação buscava cada vez mais. A Grafipar teve muita dificuldade em acompanhar essa mudança, já que fugia da sua proposta inicial de erotismo *soft* e de bom gosto”, avalia Gustavo Machado. Segundo ele, este foi um dos fatores que determinaram o fim da Grafipar e, consequentemente, de uma era nas artes gráficas do Paraná.

“No início, a Grafipar pagava bem, dando condições para os que tinham família com filhos se manter com dignidade. Infelizmente, graças à inflação alta e à má administração da editora, que também investiu em jornais e revistas que não deram retorno, os quadrinhos foram muito prejudicados. O cancelamento de muitos títulos e os pagamentos atrasados acabaram afugentando os colaboradores”, lembra Machado.

Para grande parte dos leitores paranaenses, esta é uma história desconhecida. Um problema que o quadrinista José Aguiar tenta remediar com seu projeto de resgate cultural “Tesouros da Grafipar”, tema de uma exposição na 1ª Gibicon: Convenção Internacional de Quadrinhos de Curitiba e também de um livro homônimo.

“Trata-se de uma das mais importantes histórias editoriais no mercado dos quadrinhos fora do mítico eixo Rio-São Paulo. Entre o fim dos anos 1970 e começo dos 1980, Curitiba foi o maior pólo produtor de HQs do País. Fizeram de tudo. De infantil a erótico, passando por ficção científica, terror e policial. Eram histórias passadas no Brasil, muitas delas no Paraná, e feitas pelos maiores nomes daquela geração. Muitos deles vieram a Curitiba e viveram numa ‘vila de quadrinistas’. Algo único e jamais repetido”, explica Aguiar.

A primeira gibiteca do Brasil

O talento dos profissionais que passaram pela Grafipar durante o auge da editora foi bem aproveitado por dois visionários: o roteirista e desenhista Cláudio Seto, um dos pioneiros do mangá no Brasil, e o arquiteto Key Imaguire Jr. Ambos foram fundamentais para a criação da Gibiteca de Curitiba, a primeira do país, inaugurada em 1982.

“Eu tinha uns 10 anos quando minha mãe me levava na Gibiteca, na Galeria Schaffer. Pegava da estante o que me dava na telha e assim fui descobrindo meu gosto. Gostava das HQs da turma da Mata do Fundão, do Ziraldo, além das revistas da Mônica ‘antigas’, que eram num formato maior, os personagens eram mais esquisitos e pontudos. Também lia as histórias do Tintim, que eu não entendia direito, mas adorava mesmo assim”, detalha de forma nostálgica o artista curitibano Clayton Jr., atualmente sediado em Londres, onde estuda, trabalha com ilustrações para publicidade e publica histórias em quadrinhos independentes.

“Quadrinho feito em Curitiba eu só fui conhecer na adolescência, no Solar do Barão, onde fazia curso de desenho com o Cláudio Seto. A gente foi aos poucos descobrindo o trabalho dele no acervo da Gibiteca. Eu achava legais as histórias da revista *Maria Erótica*, não só pela putaria, mas pelo traço de pincel, incrivelmente preciso”, lembra Clayton. “Nós chegamos a ir um dia na casa do Seto, e nos deparamos com dois quartos entupidos de papel. Cada um tinha, literalmente, uma montanha de papel. Eram originais, fotos, fotolitos, revistas que ele tinha publicado, revistas japonesas também. Ele deu um saco de supermercado para cada um pegar o que quisesse. Tenho duas páginas a nanquim dele que guardo na minha reserva especial”, completa.

Outro artista também influenciado pela Gibiteca é André Ducci, ilustrador e quadrinista curitibano. “Comecei, como a maioria das pessoas,

Ademir Paixão: “Não acredito que exista um estilo paranaense. Também não vejo necessidade de existir”.



lendo os gibis da Mônica, da Disney, Recruta Zero e, no começo da adolescência, alguma coisa de super-heróis. Ainda adolescente, a coisa se expandiu depois de conhecer a [loja de quadrinhos] Itiban e a Gibiteca, quando entrei em contato com *graphic novels* mais experimentais ilustradas por gente como Bill Sienkiewicz, Dave McKean e Sérgio Toppi, entre outros”, diz Ducci.

José Aguiar, que mantém o selo independente Quadrinhofilia e as tiras Folheteen, tem grande parte de sua história artística ligada à Gibiteca, onde também lecionou até pouco tempo. “O evento que começou a abrir a minha cabeça para leituras além dos heróis americanos foi a descoberta da Gibiteca de Curitiba, do seu acervo, das oficinas e de colegas que tinham interesses semelhantes aos meus. Para minha sorte, nos anos 1990 ela vivia seu auge, realizando exposições mensais de artistas locais renomados ou em início de carreira. Sempre foi um espaço democrático, e por isso mesmo muito frequentado. Era um centro cultural independente do resto do Solar do Barão, onde fica”.

Contra o conservadorismo

Atualmente, uma das grandes batalhas travadas pelos artistas gráficos paranaenses é conseguir estabelecer um trabalho criativo — o que significa ser também provocativo e questionador — sem agredir as “bases conservadoras” que existem por aqui. Na era de redes sociais, em que todos estão vendo e sendo vistos o tempo todo, a patrulha do politicamente correto acaba frustrando e/ou limitando o trabalho dos criadores.

“A gente tem uma influência superconservadora no Paraná. Eu mesmo tenho que ficar me policiando o tempo todo para não fazer algo que vá ‘agredir’ esse conservadorismo, por causa da minha personagem Amely. Ela nem é erótica, mas algumas pessoas levam para esse lado. Até o grafite, por aqui, sofre muito preconceito”, critica a cartunista Priscila Vieira.

“Uma vez, uma empresa de comunicação daqui me pediu pra fazer algo com a Amely, para uma campanha pela paz. Quando viram a personagem de biquíni, já não aceitaram. Eu cobri o corpo dela, mas disseram que ‘Os peitos estavam grandes demais’. Isso porque foi uma contribuição gratuita. Se fosse pago, acho que me pediriam pra colocar uma burca nela”, brinca a artista.

Outro problema é a escassez, cada vez maior, de meios impressos no Paraná, o que obriga os artistas a produzir para outras praças. Priscila, por exemplo, vem se estacando no jornal *Folha de S. Paulo*, que também publica o cartunista Benett. “Não sei se tem algum tipo de trabalho por aqui. Os jornais estão com cada vez mais dificuldades, não são mais uma opção para os ilustradores. Não temos editoras com capacidade de pagar o que vale o trabalho dos autores. Então, pelo que sei, o trabalho vem de fora, inclusive de fora do País. Aqui, temos de nos resignar a criar movimentos, coletivos e esquizofrenias. Mas já é alguma coisa”, diz Benett, revelado na *Gazeta do Povo*. ■

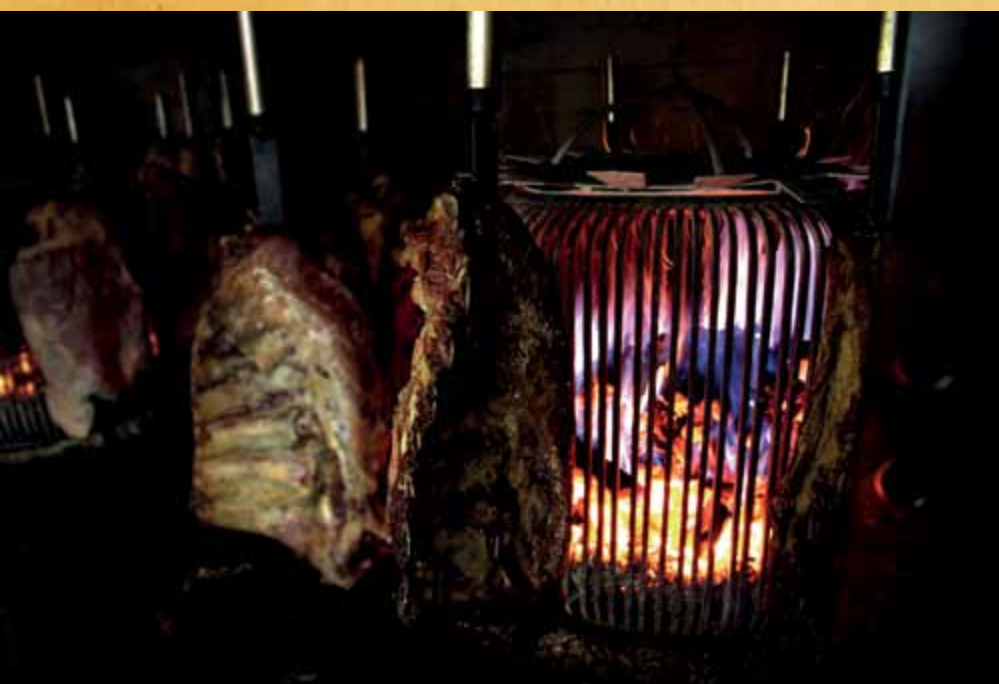
* Os artistas José Aguiar, Solda e Rettamozo ilustram outros textos desta edição (páginas 6, 50 e 74)

.....
• Claudio Yuge é jornalista, quadrinista e DJ. Foi secretário da Gibiteca de Londrina.
• Trabalhou durante 10 anos no jornal *Folha de Londrina*, nas editorias de esporte
• e cultura. Mantém o blog *Clangcomix* (www.clangcomix.com).



A costelândia brasileira

por ANDRÉ PUGLIESI | fotos THEO MARQUES



COM MAIS DE 50 RESTAURANTES ESPECIALIZADOS, CURITIBA ASSUME O STATUS DE PARQUE DE DIVERSÕES DOS AFICIONADOS PELA SIMPLICIDADE DA COSTELA



Há cerca de 50 costelões espalhados por Curitiba e frequentados por clientes de todas as classes sociais.

Cidade Sorriso. Capital Ecológica (depois Social, Country). Reduto do rock nos anos 1990. Público de teatro mais crítico do país. Berço de comediantes *stand up*. Terra do Oil Man. Todos esses rótulos já eram. Atualmente, Curitiba é a costelândia brasileira, um parque de diversões de sal grosso, carne, matambre, gordura e ossos.

São cerca de 50 restaurantes dedicados ao costado bovino em plena operação nos limites do município. Um braseiro colossal capaz de bronzear 300 toneladas, ou 43 mil pontas, ou ainda 645 mil fatias de costela por mês. Nunca se ensebou tanto o beijo em território araucariano.

“Nós recebemos muita gente de fora aqui e todo mundo diz que não há no Brasil um lugar igual, com várias opções. Talvez no Rio Grande do Sul, mas não acredito. Curitiba é o lugar dos costelões”, garante Ademir Siqueira, gerente do Costelão Havana, localizado no Água Verde.

Contingente esparramado democraticamente pelos bairros, da grã-finagem do Bigorrilho à vileiragem do Capão Raso. A Meca para quem aprecia o corte é o Boa Vista, com três estabelecimentos. Há alternativas no Mercês, Capão Raso, Santa Cândida, Capão da Imbuía, Xaxim, Centro, Juvevê, Parolin e, pelo menos, em outras 20 localidades.

Todas comungando do preceito fundamental do segmento: simplicidade. Bancos de madeira, sem encosto, são elementos quase obrigatórios da mobília. Toalha xadrez ou um papelão protegem a mesa, igualmente rústica. É o que basta para se sentir confortável.

Além da costela — no espeto ou no rolete —, são servidas as guarnições clássicas: salada (com cebolinha roxa e feijão cavalo), maionese, farofa e arroz. Com sabor de

rango caseiro. A polentinha frita é o chamado “plus a mais” e o galeto e a linguiça escoltam o prato principal.

“Quem frequenta costelão gosta das coisas assim, sem frescura, sem luxo, um lugar sem regras para realmente matar a fome. E atraindo gente de todas as classes, do rico até o pobre”, resume Rafael Elias, dono da Companhia da Costela, alojada em um imóvel datado da década de 1940 no Capão Raso.

O que igualmente não tem mistério é o procedimento para incinerar a costela, embora os “entendidos” tratem o processo como algo místico. “É só sal grosso e cinco horas de fogo constante. Não tem erro”, ensina o assador Antônio Carlos Lara, para desespero dos adeptos do papel celofane e artimanhas maravilhosas. “Não pode faltar brasa, senão encrua”, ressalta. Para quem quiser testar no quintal, uma costela de categoria sai por R\$ 9,40 o quilo.

Despretensão geral realçada com o advento de um fenômeno recente agindo em sentido contrário. Até as churrasarias, célebres jurisdições da falta de modos, sucumbiram à “gourmetização”. Agora, o bife é Kobe, a picanha é uruguaia, o mignon é lambrecado em multimolhos, o mugido é emanado no deserto australiano, tem sushi, massas, frutos do mar e, de repente, rola uma passada pela tábua de sobremesas.

Toda essa mistura atinge o bolso, naturalmente. Uma refeição completa (comida e bebida) em um costelão sai, em média, por R\$ 25. Saciar a fome em um rodízio consome o dobro do valor. “Pra quem gosta de carne e não come essa coisara, o melhor custo-benefício é o dos costelões”, sustenta o empresário Ézio Ramos, freguês assíduo do Nyck Costela, empreendimento de maior sucesso do ramo, com três casas, no Água Verde, Juvevê e Bigorrilho.

O pioneiro do setor é um dos restaurantes mais antigos em atividade da capital. Sob o nome de Churrascaria Vila Nova, foi inaugurado em 1965 — o alvará de funcionamento está lá, pregado na parede, logo na entrada, para quem quiser comprovar.

Em 1983, assumiu a designação de Costelão do Amantino, homenagem ao proprietário e propaganda da vocação desde os primórdios. “Nós estávamos perdendo um pouco do movimento com algumas alterações que fizemos, aí decidi mexer na marca para reforçar que continuava sendo o restaurante do meu pai”, explica Edson Luiz Túlio, herdeiro do fundador falecido em 1996.

O endereço jamais se alterou, situado no número 6.047 da Avenida Manoel Ribas, a poucos metros do império da macarronada, o Madalosso. “Quando iniciamos, tinha pouca coisa por aqui, só o Velho Madalosso e o Iguazu. Dava para ouvir de longe os carros vindo pelo chão de macadame”, diz Túlio.

Na mesma temporada de 1983 surgiu outro ícone das ripas: o Costelão Gaúcho, mais conhecido como Costelão Vila Hauer, artífice do sistema 24 horas, baseado em um bem ajambrado revezamento de assadores e copiado no futuro por inúmeros concorrentes. “Curitiba sempre foi uma cidade com poucas opções para se comer tarde da noite. Daí veio a ideia de praticamente não fechar o restaurante”, recorda Ivanir Denardin, garçom do espaço aberto pelo tio Quinto.

Ali pelas imediações do terminal de ônibus da região há outra amostra da coqueluche costeleira em Curitiba. Ao lado do Costelão Vila Hauer está o Galpão da Costela. Todo dia, toda hora, os dois travam uma espécie de

Atletiba carnívoro. Os preços, os acompanhamentos e o ambiente são similares. Entretanto, os fãs de um e de outro enxergam um contraste abismal, discursam que a carne do rival é amaciada no mamão, o ovo da maionese é daquele traiçoeiro, que os garçons do adversário são emburrados e que é comum verificar itens não solicitados incluídos na conta. “A maioria da galera é fiel, não troca por nada de costelão. Pra mim tanto faz, o importante é que os dois estejam sempre cheios”, torce João Pires de Sousa, guardador de carros da quebrada.

E quando o assunto é o embate pela freguesia do outro lado da meia-noite, há um *hours-concour*: o Costelão Curitiba. Criado no sudoeste da capital, o modelo 24 horas acabou consagrado perto da zona central, no Rebouças. Na virada para o ano 2000, o mundo não terminou e a juventude curitibana adotou o local como fornecedor da larica pós-embalos da “náite”.

“Foi possivelmente a melhor época. Por volta das três horas da manhã, o salão ficava lotado, cheio da gurizada que vinha das baladas. Era bonito de ver”, relembra Clodoaldo Barbosa, gerente do comércio aberto em 1992 já com atividade sem parar.

Gigante da madrugada, seu êxito em horário convencional se repetia na Rua Chile. Queimando costela em escala industrial, há quem jure que o sol não brilhava sobre a quadra inteira tão grossa era a fumaça produzida. A muáfa de carne também contaminava a atmosfera com intensidade absurda.

Exagero, claro. De certo que, em um dia qualquer, representantes da vizinha Unicuritiba atravessaram a rua para protestar, incomodados com a neblina da cremação do

Rafael Elias, dono da Companhia da Costela: “Um lugar sem regras para realmente matar a fome”.





Ivanir, garçom do Costelão Gaúcho (mais conhecido como Costelão Vila Hauer), já testemunhou todo o tipo de extravagância no duelo homem x carne.

gado. Parecia impossível manter os alunos glutões dentro de sala de aula. “Acabamos mudando o formato da nossa churrasqueira e superamos esse problema”, conta Barbosa.

Outro obstáculo, bem mais robusto, se impôs a partir do final do ano passado, com o recrudescimento da Lei Seca. Em dezembro de 2012, a multa para quem é flagrado conduzindo um automóvel sob o efeito de álcool passou para quase R\$2 mil. De quebra, o infrator pode cair em cana caso se recuse a assoprar o bafômetro.

O rigor moderno de olho na segurança do trânsito alterou o panorama da noite curitibana e, naturalmente, feriu os costelões. Amansar a sede detonada pelo sal grosso com uma cervejinha gelada... “Infelizmente, essa combinação ficou inviável. Mas ok, pois já estava na hora de o pessoal se tocar que juntar bebida e direção não dá certo”, afirma o bancário Mauro Gimenez, cliente do Costelão Vila Hauer.

Os responsáveis pelos restaurantes não parecem tão resignados com a nova realidade, um golpe duro no esquema 24 horas. Há quem aponte uma perda de aproximadamente 30% de faturamento devido à rigidez da Lei Seca e suas blitzes surpresas.

Mas se o retorno de caixa tem decaído, o sapeca *all night long* permanece como cenário das extravagâncias. Como a história do camarada que mandou para dentro 13 nacos de costela — a média para um homem é de três pedaços. Alojou no bucho em torno de 2,6 quilos de matéria. “Ninguém acreditou. Esse deu prejuízo”, comenta Ivanir

Denardim, do Vila Hauer. Com a turma recém-saída da esbórnica, não é incomum presenciar duelos com tábuas de carne pelo salão.

Também durante o período uma estatística bizarra é incrementada: a dos funcionários decepados pela serra elétrica de costela. Quando o sono e o cansaço batem, uma vacilação e lá se foi um pedaço do dedo. “Não dá para deixar empregado inexperiente lidar com isso. Nós usamos um garfo comprido e uma espátula para o corte. Tem que ter jeito”, analisa Antônio Carlos Lara, assador do Curitiba. “Antigamente era mais perigoso ainda, se cortava com uma pancada, com o facão afiado. Vi colegas perdendo uma lasca da orelha”, rememora.

Esse cenário particular foi escolhido por um grupo de pessoas para se conhecer, conversar e, principalmente, exercitar a paixão pelo desenho. “Fizemos em Curitiba uma versão de um evento de São Paulo que se chamava Bistecão Ilustrado. Aqui, batizamos de Costelão Ilustrado. Em Florianópolis tem o Berbigão Ilustrado”, conta Guilherme Bevilaqua, desenhista profissional e professor da PUC-PR.

O primeiro encontro ocorreu em 2009 e 25 edições se passaram. Não há a imposição de criar sobre, por exemplo, “as maravilhas gastronômicas do dorso do boi”, mas a reunião gerou uma coleção considerável de arte relativa à carne. “Temos bastante trabalho legal, uma demonstração de como os costelões se integraram ao cotidiano dos curitibanos”, afirma Bevilaqua.



A Cia. da Costela funciona em um imóvel da década de 1940, no Capão Raso.

Encantos da Gordura

A rapaziada que embala forte na “náite” curitibana elegeu os costelões como o mais poderoso antipira da cidade. De acordo com a lenda, nada como um banquete altamente calórico para desarmar os efeitos do álcool, entre outros aditivos, e ir nanar mansinho.

A correspondência, entretanto, não apresenta fundamento nenhum — é só papo de quem está muito louco. “Se o objetivo é voltar à normalidade ou curar uma ressaca, a escolha não é adequada. O corpo já alterado ainda tem de realizar uma tarefa árdua de digerir, absorver, processar e tentar equilibrar as taxas metabólicas de uma orgia alimentar”, explica o nutricionista Sérgio Chueh.

Segundo o profissional, uma refeição caprichada em um costelão pode representar a ingestão de até 1,8 mil quilocalorias — o recomendável para um indivíduo considerado “normal” é de cerca de 2,5 mil quilocalorias ao dia. “A pessoa está comprometendo seriamente a saúde ao causar sobrecarga às funções hepáticas, renais, cardíacas, etc.”, diz.

Complicado é resistir aos encantos da gordura, especialmente na madrugada, quando além dos costelões só há carrinhos de cachorro-quente funcionando. “Eu sempre prometo que não vou mais comer costela depois da balada, mas não tem jeito, a fome sempre prevalece”, comenta Álvaro Michalev, estudante de Direito. ■

André Pugliesi é jornalista e criador do blog *Jornalista de Merda*. Atualmente, trabalha no jornal *Gazeta do Povo*.



24 horas na brasa

ilustração FOCA CRUZ

COM A MISSÃO DE PRODUZIR UM TEXTO INSPIRADO NAS
COSTELARIAS CURITIBANAS, O ESCRITOR LUIZ FELIPE
LEPREVOST VAI ALÉM E APRESENTA "UM CONTO SOBRE
SE DAR BEM", SEGUNDO ELE MESMO

será que algum compositor sertanejo da contemporaneidade, penso, terá a capacidade de escrever canção capaz de nos sensibilizar por via que passe ao largo da histeria hedonista ligada à cultura universitária, que exija dos sentimentos, não um pouco, mas muito mais? e que, dada a exigência, tenha a capacidade de permanecer, de durar no tempo emocionando, sobrevivente do modismo de sua época? alguém entre esses agroboys postiços terá, minimamente, tal pretensão? misto de autoexposição, autoironia e a ousadia, segundo o próprio Gil, de abordar um tema cuja especulação existencial visa, por fim, o sucesso com o sexo oposto, sim, neste universo toda ação humana deve acabar num tipo de performance bem-sucedida do sexo. daí que a canção carro-chefe dele tinha se transformado num contagiante hit, primeiro em casas noturnas com chafarizes, cascatas artificiais, temáticos restaurantes ao velho estilo country. em pouco tempo, eram sucesso na internet vídeos de Gil Cordeiro dançando, rebolando, berrando, chorando, suando na academia, abrindo os braços para seu público. veio o clipe com direção de fotografia primorosa, numa cena longa com Gil caminhando num vasto e lindo nada em preto e branco como se fosse o último homem sobre a face da Terra, até que descambava em festa colorida numa mansão, praia paradisíaca ao fundo, com mulheres e mais mulheres lindas. a presença de Gil começou a ser exigida nos programas de televisão. emplacou um viral retumbante seguido de outro. carnaval, Gil estava lá. Festival de Parintins, ele estava. Feiras, Eventos, Rodeios, Festejos Natalinos, Reveillon. as pistas de dança do mundo, Inglaterra, Alemanha, Nova Iorque, todos os lugares que importam, renderam-se ao sucesso, estendendo-se, dada a ironia hipster dos dias que correm, às baladinhas mais cults do país. o pacote DVD+CD ao vivo, gravado no agora considerado antológico show que fez no Rock in Rio, vendeu que nem cerveja em lata de todas as marcas juntas. a primeira coroação como príncipe da música pop foi quando cantou com o rei Roberto Carlos, em seu Especial de Fim de Ano. a segunda veio com o longo artigo, extremamente elogioso, que Caetano lhe dedicou em revista especializada. mas vou contar do começo. era madrugada e eu voltava de uma festa na casa de amigos, no Cristo Rei. eu estava morrendo de fome, só tinha conseguido chegar à festa depois que os demais convidados já tinham devorado o jantar. tendo, ao longo da noite, fumado sem grande voracidade, mas ainda assim, uma erva mágica servida pela namorada do anfitrião, que tinha acabado de voltar de viagem ao interior, de uma fazenda assim e assim-assado de onde tinha trazido um pouco daquilo, que era da boa e da forte. tendo eu, enfim, bebido também um tanto além do que devia, mas ainda assim me sentindo capaz de dirigir até o outro lado da cidade, em Santa Felicidade, onde moro (onde estou agora) e aproveitando que estava, poxa vida, no caminho e com, claro, com uma larica fantástica, para dizer o mínimo,

parei num Costelão 24 horas. pensava em comer, para não me sentir pesado demais antes de dormir, apenas duas ou três fatias de picanha, que ajudariam com que eu me restabelecesse um pouco. entrei no Costelão, o cheiro da fome, também o cheiro da morte, no ar. fui direito para o banheiro. fiz o que tinha que fazer e voltei para o salão. só agora senti as escorregadias lajotas do chão tomado pela gordura. o restaurante estava cheio. eu não gostava de sentar no salão de dentro, era um lugar úmido e mal iluminado, vitimado pelo mofo, isolado, sujo. procurei aconchego na varanda, onde só tinha uma mesa desocupada, no fundão, perto da entrada para a área restrita aos funcionários. era a última mesa da varanda, sentei. os bancos eram sem encosto, como os das quermesses de igreja. a superfície da mesa, uma rústica madeira um pouco pegajosa. na minha frente, aquelas costas enormes, redondíssimas, adiposas, dentro de camisa pólo preta com a estampa de estrela com um laço country pendurado numa das pontas douradas e um chapéu de caubói na ponta de cima. embaixo da estrela, li: Gil Cordeiro e Banda. mais para cima, a cabeça castanha com um aeroporto de mosquito se insinuava. boa noite, disse o garçom me oferecendo o cardápio. e eu: boa noite, como vai? ele nem sequer me ouviu, correu atender outra mesa. olhei o cardápio: costela, alcatra, picanha, carneiro, linguiça, salada mista, maionese, fritas, aipim, polenta, pão de alho... chamei o garçom. fiz o pedido. bem ou mal passado? mugindo, brinquei. sim, as tais picanhas, três pedaços. quis também duas linguiças. e, para beber, uma coca. o gordão na minha frente levantou e foi se servir no bufê. só então prestei atenção no barulho agudo da serra elétrica. procurei o local de onde vinha o som, ali estavam os enormes pedaços de costela de boi sendo destroçados depois de rodarem queimando na enorme churrasqueira. era verão. os ventiladores, embora na velocidade três, pareciam inúteis. as bandeirinhas juninas com as cores do Brasil, patrocinadas por uma marca de cerveja, ainda continuavam no teto. do lado de fora, alguns vira-latas descendentes de caçadores, atraídos pelo cheiro de sangue, esperavam a generosa migalha de um osso, assim como os guardadores de carros com sua coleção de moedas de um real no bolso. o gordão voltou e nossos olhares se cruzaram. e ele sorriu. e então se justificou: não almocei hoje, tive que caprichar. trazia dois pratos que valiam por quatro ou cinco, bolos de maionese, polenta, feijão cavalo e não sei mais o quê. não é de hoje que tenho fama de atrair maluco. se estiver numa roda com três ou mais pessoas, é direto na minha direção que o maluco vem. Gil Cordeiro, como vim a saber depois, não era nenhum psicótico, mas sem dúvida sua carência viu em mim alguém com quem partilhar. eu até quis ignorá-lo, prestando atenção na reprise do futebol na TV. mas o gordão decidiu não mais sentar de costas para mim. frente a frente, via sua mão encharcar os pratos de vinagre e azeite. ele ia falando comigo, assim do nada: que tinha feito parte de uma dupla que tinha tudo

para ficar famosa, que tinham tocado em todas essas casas, Wood's, Yankee, Victoria Villa, Rodeo, que ele sabia bem o que tinha dado errado, que a dupla não tinha ido para frente porque ele era gordo. comigo ali, possivelmente, chegava à constatação pela milésima vez. e ria: eu sou gordo. ria. levantou e mostrou o figurino que estava usando. pensei: esta calça slim fica ridícula em você, gordão, por que faz isso? olha aqui, mostrou as botas de caubói. estes saltinhos não forçam o joelho para frente?, pensei, imagino que tenha que ficar projetando o peso para trás para se equilibrar. quando chego em casa no fim da noite e deito, ele disse, minha lombar e os joelhos estão em petição de miséria. olhe para si, pensei, enquanto ele voltava a sentar, parece um hipopótamo. ele pegou novamente os talheres e foi levando nacos, porções de tudo à boca. vim de Apucarana faz oito anos, oito anos. a primeira coisa que o JJ... JJ, conhece? não, não conheço. e ele: JJ é o mais importante agente de duplas sertanejas da cidade. a primeira coisa que o JJ me disse logo que eu cheguei em Curitiba foi emagreça, emagreça, rapaz, aqueles dois irmãos gordinhos que fizeram sucesso, o do cavanhaque e o outro, eles são a exceção das exceções, emagreça, pra começo de conversa. e eu emagreci, me dediquei e emagreci. depois, não me dediquei mais e voltei a engordar. e sempre foi assim, o efeito sanfona. devem ter começado a estudar o tal efeito sanfona baseando os estudos em mim, e ria o gordão, àquela altura, palitando os dentes. ele era uma simpatia, isso é inegável, mas ainda assim sua história, para mim, não tinha lá grandes atrativos. mas agora que o vi na televisão magro e verde-pálido, com mais cabelos e bem maquiado, sob o efeito de luzes, falando à entrevistadora sobre as maravilhas operadas pela cirurgia bariátrica que fez há mais ou menos um ano e meio e tudo que a magreza então lhe tem proporcionado. sim, agora que o vi transformado e triunfante mencionar que um rapaz, há anos, num Costelão 24 horas, em Curitiba, tinha salvo a sua vida e que ele então só podia considerar o rapaz (que sem dúvida sou eu) um mensageiro do Senhor, um anjo a quem ele deve tudo, uma alma iluminada que só pode ter sido Deus a colocar naquele Costelão, naquela noite absurda em que se ele não morreu de tiro, ia acabar por morrer de um ataque do coração, não fosse ali, algumas horas depois, provavelmente, no seu quarto-e-sala, para onde ele voltava sempre depois das suas apresentações na Crystal. então as imagens do meu heroísmo começaram a voltar à minha mente. dois caras saíram de um Fiat, um terceiro ficou ao volante esperando. entraram xingando e apontando revólveres para nossas caras. o restaurante a essa hora praticamente vazio. a coisa toda foi rápida, não levou nem dez minutos. os estúpidos quebraram pratos, chutaram e derrubaram o bufê, pisaram na comida. dadas as circunstâncias, até que barbarizaram pouco. levaram todo o dinheiro do caixa, algumas garrafas de cerveja, que enfiaram numa sacola de plástico de mercado, o pouco

dinheiro das carteiras dos clientes. roubado o dinheiro, jogaram as carteiras no chão gritando esses merdões que se fodam, bora bora bora. os escroquezinhos estavam completamente chapados de qualquer coisa. eram completamente despreparados, não trabalhavam para nenhum crime organizado ou coisa parecida. só estavam se divertindo e se garantindo e sendo loucos para caralho. e se vingando de qualquer coisa sobre a qual sociólogos, psicólogos e religiosos tinham o que dizer. tivemos sorte. eles não deram nenhum tiro. mas quando olhei, ele estava encostado na parede, suando, mole, a cara balofa não conseguia respirar direito, ofegava como um cano entupido, a boca tentando chamar por ajuda. ele está tendo um ataque do coração, gritei, chamem uma ambulância. o gerente correu ligar. ninguém mais se mexia. e o gordão estava morrendo. daí comecei a fazer a massagem apertando o seu peito, um, dois, três apertões e então a respiração boca a boca. eu tinha aprendido o procedimento na época do grupo de escoteiros. veja só, a coisa serviu para alguma coisa. sim, porque a emergência levou quase meia-hora para chegar ao Costelão. e chegaram sem arroubos, sem sirene, sem equipe esbaforida toda paramentada sendo cuspidada da porta de trás. primeiro entrou um médico com uma prancheta nas mãos. comecei a descrever minuciosamente para ele o que e como tinha acontecido, tanto que me deu parabéns ao mesmo tempo em que foi mandando o gerente do restaurante preencher uma ficha. tivemos que ajudar os médicos a carregar o Gil Cordeiro com a maca para dentro da ambulância, pois em três eles não conseguiram carregar o corpanzil cheio de constela e maionese. amarraram o gordo na ambulância, fecharam as portas, embarcaram e adeus. nunca mais eu tinha visto aquele gordo, até o momento em que peguei o controle remoto, mudei de canal e este bonitão sendo entrevistado pela loura apareceu na minha frente. confesso que uma vez, uma única vez, fui até a casa noturna Crystal para ver se encontrava o cantor que eu tinha salvo. mas antes de falar sobre isso, queria só dizer que também nunca mais pisei naquele Costelão. não por causa do susto sofrido, mas porque, porcamente, na saída, o gerente, em vez de me dar um beijo e um abraço e me agradecer com alegria, perguntou se eu não acertaria a conta da minha mesa, que incluía o meu consumo e, pasmem, o consumo do tal Gil Cordeiro. é, como se tivéssemos ido juntos para lá, como se nos conhecêssemos, como se algum vínculo eu tivesse com aquele mastodonte. em vez de mandar o imbecil do gerente se foder e a arranjar uma confusão mais que justa, acabei lidando com otimismo com a questão, afinal, estava vivo e tinha salvo uma vida. a larica, o porrinho, tinham passado. o dia ia amanhecendo, o Costelão continuava funcionando normalmente. saquei o cartão e: no crédito, por favor. mas eu ia falar da noite em que fui atrás de Gil Cordeiro na Crystal. sim, e mencionar o episódio faz sentido porque... a capacidade que algumas pessoas têm de

contarem suas vidas inteiras em poucos minutos de conversa é algo que sempre me surpreendeu... bom, foi isso, naquela noite a primeira coisa que Gil fez depois que me sorriu e se justificou por estar com dois pratos cheios, foi me dar um cartão, como fosse um seu cartão de visitas. mas, na verdade, era um bônus individual e intransferível para qualquer noite na boate, em que estava escrito: Crystal Music Hall — com este desconto no ingresso masculino e feminino, válido para qualquer dia da semana (segunda a sábado). numa ocasião peguei um táxi e fui até lá para ver se o encontrava. perguntei por ele na portaria, a moça nunca tinha ouvido falar de ninguém como aquele que eu descrevia. indicou que eu falasse com um garçom chamado Zezão, funcionário antigo, talvez me ajudasse. entrei, as luzes azuis, lilases, a pista cheia, as mesas com baldinhos de cerveja em cima e grupinho de quatro, cinco, seis pessoas em pé ao redor. em outras, casais sentados se beijavam ou olhavam para o nada dentro de cada um. a banda ia do funk carioca à Hotel California num piscar de olhos. não encontrei porque nem procurei o tal Zezão. fui até o bar e refleti sobre o que eu beberia. uísque, batidas, licor, vodka, vinho, tequila? acabei pedindo uma long neck. e aí me aproximei um pouco da pista, mas não me deixando acabar dentro dela, onde havia essa mulata-loura de cabelos mais encaracolados do que nunca, saia de seda preta, rendada, botas e corpete roxo, os peitos querendo discursar. o que você faz?, perguntei. trabalho em casa de família. não entendi de primeira. doméstica, ela explicou. ah, e você? sou escritor. ela não entendeu de primeira. escritor, escritor de quê? contos, romances (se bem que romances eu ainda não, ah, deixa pra lá). na sequência a Fran, este era o nome dela, me explicou sobre as noites temáticas da casa. segunda, ela disse, Noites da Ressaca, até as 22 horas tem bufê de antepastos, pratos quentes, saladas; quinta é a baladinha Pra Mais de Trinta, também com o bufê e tudo mais; e no Sábado, a Balada Forte. disse para ela que devíamos combinar de vir jantar numa Noite da Ressaca qualquer. quando você quiser, querido. na hora eu quis, aí quando acabei com ela, naquela mesma madrugada, no Motel do Largo, ainda queria, mas depois que a gente tinha trepado três vezes, mexendo no meu pau murcho, fui deixando de querer. quando a deixei, de táxi, no apartamento em que trabalhava no Batel, às cinco da manhã, eu só não queria jantar com ela na Noite da Ressaca como não queria vê-la nunca mais na minha vida, destino que até hoje tem se cumprido, embora eu tema que esta louca me apareça com um bacuri sangue do nosso sangue a tiracolo. sim, porque naquela noite tudo que eu fiz de mais pecaminoso foi foder sem camisinha. e foi no meio da foda que perguntei se ela conhecia o Gil Cordeiro, que já tinha sido cantor oficial da Crystal, no que ela imediatamente emendou: ele era apaixonado por mim, meu bem, mas nunca rolou nada. achei graça e achei óbvio constatar que tivesse rolado entre ela e Gil, senão não falaria com tanto orgulho que ele tinha sido apaixonado, ainda mais que naquela época ele ainda não era um cantor famoso nacional e internacionalmente. tudo o que ela sabia é que Gil estava morando em Goiânia, tentando a vida por lá. daí que, minha nossa, olho agora para este sujeito na tela e é incrível o quanto ele mudou. aquele gordão hoje é um homem bronzeado, o sorriso mais branco que uma página de caderno, o cabelo bem aparado dos lados e em cima o topete harmonizando com algo entre o arrepiado e o desajeitado, sem dúvida feito à base de pomada especial para colorações acastanhadas. olho para a cara de Gil, presto atenção no que está dizendo à entrevistadora: claro que dinheiro traz felicidade... dinheiro compra, compra comida magra... compra saúde... beleza... algum tipo de beleza, penso com os meus botões. Gil está certo, digo a mim mesmo, o que é postiço, montado, também tem lá o seus encantos, senão, não teríamos tudo que está aí na mídia e brilha e gera admiração, ódio, alegria, gera, no final das contas, mais dinheiro. o dinheiro é o avesso disso de gordões não serem bem-vistos, de ninguém querer gordos por perto, penso. o dinhei-





ro é a razão da medicina combater com unhas e dentes o colesterol, a hipertensão, a diabetes, o hipotireoidismo, penso. é a razão da indústria alimentícia continuar fazendo os mais escrotos e gostosos chocolates, para dizer o mínimo.

então volto para a tela e Gil está pensando junto comigo, ele está consciente do que lhe aconteceu nessa vida cheia de reviravoltas, ele está dizendo quase que em uníssono comigo que o dinheiro inventa a sofisticação (ir atrás do conceito). que o dinheiro, Gabi, diz ele à entrevistadora, compra entradas vips e saídas rápidas. o dinheiro pode ser maravilhoso se você souber usar, ele diz, se você tiver a cabeça no lugar. o dinheiro atrai e mantém seres humanos com bons dentes, penso eu, com boas tetas, pele macia, cabelos cheirosos, desenhados com a pomada certa, por perto. é o dinheiro e mais alguma luz própria inexplicável que Gil agora tem, que ele sempre teve, um jeito de corpo, um trejeito qualquer que, combinados com as doses certas, fazem o seu carisma, seu ar inteligente e seguro, a segurança de quem está convencido de que merece estar onde está, que isso que não se explica é algo dado por Deus, sempre ele, só por ele. ainda assim, o mérito do trabalho de uma vida inteira de reviravoltas que o levaram até ali, até a realização de um sonho sonhado desde criança no interior do seu país pobre e injusto. um sonho que poucos tem, tiveram a ousadia de sonhar e agora quem são esses críticos de merda, esses arrogantes intelectuais de merda donos da verdade, donos da verdadeira música brasileira, donos da chamada música de qualidade, para virem dizer que ele não tem valor, que a música que ele faz é uma porcaria industrializada, uma impostura, uma falácia, uma merda qualquer que não vai durar, que será esquecida como todos os outros sucessos instantâneos que alçaram os píncaros da glória e agora onde estão, hein? mas ele não, ele tinha para si mesmo outros planos. e tais observações soam então apropriadas, pois ele tem esta consciência de ser olhado pelo amor dos fãs, de ser desejado por mulheres de todas as idades e por uma parcela de gays, de ser especulado pela imprensa e, até mesmo, de ser odiado, invejado, mas e daí? francamente, olha quem fala de humildade. o mesmo cara que vive de baladas country nas capitais do país cujas entradas vão de 200 a 400 reais, com camarotes vendidos à 3.000, 3.500, em que hostess especializadas e seguranças barram clientes se estiverem mal vestidos com adereços considerados não adequados, cafonas, bem diferentes daquelas fitinhas fosforescentes somando-se aos Cartier, aos Rolex, aos Omega, que fazem mais importantes os pulsos que os possuem. fale de humildade de dentro

dessa camisa Burberry, desse blazer Gucci. onde estão as camisas xadrez? ficaram para os indies, para os hipsters. brindem com conhaque Hennessy, festejem com Moët & Chandon. nunca mais os cintos com fivelas no estilo texano, nunca mais o cheiro de estábulo, mas os banhos de perfumes Hugo Boss, Dolce & Gabbana, Yves Saint Laurent. vocês, universitários sem Universidade, chegaram lá, não é mesmo? você não é mais o mesmo, hein, aquele gordão deslumbrado por ter apertado a mão de uma ou outra celebridade no backstage do Country Festival há três, quatro edições. agora os outros é que vão se gabar de ter tido um encontro relâmpago com você. ainda é uma simpatia, rapaz, com sua humildade, seu sonho de menino do país das injustiças, com seus sou temente a Deus, lá em cima minha conversa vai ter que ser com ele ou com os responsáveis, claro que tive e tenho o meu preço, me vendo porque quem me conhece me compra, essa é a diferença, todo mundo tem seu preço, mas não é todo mundo que recebe oferta, eu recebi, recebo, agora preciso me acostumar com a coisa toda, com a grande injustiça, lutar é preciso, mas também aceitar que aqui não existe paz definitiva, é preciso tirar prazer de tudo isso. sim, ele está certo, penso, da consistente consciência de que ele ali na TV, à vontade, supernatural, totalmente orgânico que deve ter exigido os ensaios de uma vida toda para ser alcançado, claro, ele ali diante da entrevistadora, diante dos espectadores, diante de mim e de vocês, ele ali, o ex-monstro transformado, ídolo, é também e muito a sua própria obra dizendo, dizendo e dizendo não vou mentir para você, foi feito aproximadamente, no primeiro ano, um investimento de 600.000 mil reais na minha carreira, sim, foi preciso gastar, faz parte do negócio, mas não demora muito para você recuperar o investimento, se a carreira dá certo. e ri. e ri e afirma: continuo o mesmo de sempre, hoje, claro, sou obrigado a andar, no dia a dia, com um segurança no meu pé, e ri, mas a equipe que anda comigo é pequena, apenas o segurança, o motorista e a minha secretária, o empresário fica no escritório, mas viaja quase sempre junto, aí sim, somos uma trupe de quase quarenta pessoas, entre banda, técnicos, etc., minha rotina inclui quatro vezes por semana treinamento físico com personal trainer, nas viagens ela também me acompanha, faço aulas de dança duas vezes, o que se intensifica no período em que estamos ensaiando o show, é preciso criar as coreografias e deixar perfeitas, ainda tenho buscado aprimorar tecnicamente a minha capacidade vocal, como cantei muitos anos na noite acabei por conquistar alguns calos. ■

Luiz Felipe Leprevost é escritor e dramaturgo. Publicou *E se Contorce Igual um Dragãozinho Ferido*, *Barras Antipânico* e *Barrinha de Cereal* e *Ode Mundana*, entre outros livros. Teve encenadas as peças *Hieronymus nas Masmorras*, *O Butô do Mick Jagger*, *Na Verdade não Era e Pecinhas para uma Tecnologia do Afeto*.

• infalível • infalável

ensaio fotográfico JULIANA STEIN

Enquanto me preparava para produzir estas imagens para a revista *Helena*, me perguntava: o que posso propor para quem conhece ou vive na cidade de Curitiba? O que nos faz autores desta ou de qualquer outra cidade? De que forma criamos as imagens que mais tarde assumimos como se estivessem sempre estado ali? Será que as imagens podem realmente falar algo do que somos? Aos olhos da autoridade — e talvez por isto —, nada se assemelha mais ao terrorista do que o homem comum.

Gosto de pensar o mundo por meio das imagens, pois há, nelas, uma natureza de acidente. Não existe nelas uma realidade contínua e as imagens precisam ser geradas a cada instante por quem as olha. A imagem só funciona se estiver viva, para além do racionalismo esclerosante. Nada faz dela verdade, a não ser que a gente possa nela se reconhecer. Um reconhecimento tanto mais potente quanto imprevisto, flutuante e que não se deixa aprisionar.

Estas imagens foram feitas no coração da cidade de Curitiba: o Passeio Público. Ali, me marcou uma visita que fiz, logo que cheguei do lugar onde vivia. A cidade era Passo Fundo e, como se não bastasse o nome, vivíamos dentro de um jaboticabal, no meio do mato.

Quando entrei no ofidário do Passeio pela primeira vez, senti que a minha vida estava mudando para sempre. Pois não era mais preciso correr para salvar-se das cobras que apareciam na nossa frente. Estávamos todos salvos, nós e as cobras. Uma salvação que aproximava de uma forma estranha a vida e a morte. Ali, comecei a cidade, ali comecei Curitiba.









.....
Juliana Stein é fotógrafa. Já expôs seus trabalhos em eventos
no Brasil, China, França, Espanha, Portugal, Áustria e Uruguai.
Em 2013, participou da 55ª Bienal de Arte de Veneza (Itália),
representando o Brasil no Pavilhão da América Latina.

Uma consulta com a
Dra. Nitis

por ALEXANDRE GAIOTO | fotos SAULO HARUO OHARA



SAIBA COMO VIVE HOJE A PSIQUIATRA, DIRETORA E ATRIZ
NITIS JACON, RESPONSÁVEL PELA CRIAÇÃO, HÁ 45 ANOS,
DO FESTIVAL INTERNACIONAL DE LONDRINA (FILO)

“Você tem certeza absoluta de que a Nitis Jacon mora aqui na minha cidade?”, indaga-me, surpresa, uma jornalista de Arapongas. “Se não me engano, ela vive em Londrina”, arrisca um repórter londrinense. “Em Londrina? Não... Ela está no interior de São Paulo, muito bem casada com um médico”, garante um editor de cultura de Maringá. Inimiga dos reclusos, a internet indica que o grande nome do teatro londrinense está, sim, perambulando por Arapongas, trabalhando por lá como psiquiatra, numa clínica particular. “A Dra. Nitis vem à clínica duas vezes por semana. Você quer marcar uma consulta?”, oferece a secretária.

Com horário marcado para consultar a vida de Nitis, sigo para Arapongas. Antes do encontro, saio às ruas para coletar algumas histórias sobre a famosa moradora da cidade. A duas quadras de onde a psiquiatra bate cartão semanalmente, seu nome é desconhecido para transeuntes, balconistas e estudantes. “Nitis o quê? Nunca ouvi falar dela”, diz uma estudante de 15 anos. “Acho que já ouvi falar alguma coisa, talvez no jornal, mas não lembro o quê. Ela é famosa?”, pergunta a comerciante de 34 anos. Os poucos que sabem quem é Nitis Jacon revelam que não a encontram há anos pelas redondezas. “Morei durante uns dois anos ao lado da casa dela e só a vi três vezes. Ela tem uma casa grande, com muros altos, não dá para ver nada do que acontece lá dentro”, comenta a ex-vizinha, que, aos 55 anos, trabalha como auxiliar administrativa.

Pontual, Nitis me recebe às 17 horas em sua clínica. Vestindo um terno cinza, com os cabelos vermelhos e olhos intensos, ela abre um sorriso ao me abordar na sala de espera. “Eu te conheço de algum lugar. Será que é de algum filme que você fez?”, indaga, estendendo a mão. A pedido dela, seguimos de carro para a sua residência, a poucos quarteirões da clínica. E entramos numa confortável biblioteca, apinhada de livros sobre medicina e teatro, além de obras de Vinicius de Moraes, Federico García Lorca e Thiago de Mello. Reclusão, ali? Nenhuma.

“Eu não estou reclusa, não”, descarta, em meio a risos. “É que eu vivo entre o trabalho e a minha casa, então as pessoas aqui de Arapongas não me veem com frequência. Amanhã, por exemplo, terei plantão o dia inteiro, de tarde até a noite”, justifica.

Além da jornada de plantões, o corre-corre de Nitis fica ainda mais intenso, nesta época do ano, com a série de reuniões do Festival Internacional de Londrina (Filo). Oficialmente, ela não está na comissão organizadora desde 2003, quando assumiu por três anos a direção do Centro Cultural Teatro Guaíra, em Curitiba. “Mas, na verdade, eu nunca me desliguei do Filo. Desde que eu criei o festival até os dias de hoje ainda é muito difícil realizá-lo, sempre temos muito problemas”, diz a diretora teatral e psiquiatra de 78 anos, também ex-vice-reitora da Universidade de Londrina.

As dificuldades, que sempre marcaram o Filo em seus 45 anos de história, são de todos os gêneros e graus: do itinerário de uma companhia russa “que tinha de desembarcar primeiro no Paraguai e depois seguir, escondida, para Londrina” à falta de verba para a realização do evento.

Quando a conta não fechava, ela corria para os jornais e pressionava o governo, Deus e o mundo. Aquele desprezioso Festival de Teatro de Londrina, inicialmente

batizado assim em 1968, teve seu nome alterado para Filo com o passar dos anos e hoje é uma referência, reconhecido pela Unesco como o mais antigo e representativo festival de teatro da América Latina. Sem Nitis, não haveria a enxurrada de bons espetáculos que marcaram a vida cultural de Londrina e região.

Entre as muitas proezas do festival, a de que Nitis mais se orgulha, e com razão, é de ter trazido Kazuo Ohno (morto em 2010, aos 103 anos) do Japão para Londrina, em 1992. Ícone do butô, gênero que mescla elementos da dança com a tradição japonesa, Ohno apresentou dois espetáculos, aos 86 anos de idade: *Water Lilies (Lírios d'Água)* e *Ka Cho Fu Getsu (Flores, Pássaros, Vento, Lua)*.

“Foi a maior salva de palmas da história do teatro londrinense. Nunca vi nada igual”, lembra Nitis. Nas noites de 24 e 25 de junho daquele ano, o público que se engalfinhava no Teatro Ouro Verde reverenciou, com fervor, o ícone oriental. Kazuo retornou ao palco 15 vezes, enquanto todos prestavam suas reverências. O filho do artista teve de intervir na ovação da plateia, justificando que seu pai precisava descansar da performance, e que se os aplausos não cessassem, ele continuaria a voltar para agradecer. Banhado em lágrimas, o rosto de Nitis acompanhou Kazuo saindo finalmente de cena, com um sorriso sincero e alguns acenos delicados.



Duas calcinhas e uma escova de dentes

“Quando eu saía de casa, sempre levava na bolsa duas calcinhas e uma escova de dentes”, lembra Nitis, com uma boa gargalhada. Sob os olhares repressores da censura, a diretora teatral poderia ser presa a qualquer momento, porém nunca se calou. “Eu era vigiada o tempo inteiro por agentes da Polícia Federal, mas nunca tive medo deles”, comenta.

À frente dos grupos teatrais Gruta, Núcleo e o Proteu, ela produziu peças engajadas e revolucionárias para um público fiel. Era só anunciar um novo espetáculo que o público e os críticos de teatro, de diversos lugares do Brasil, já ficavam ansiosos. “Tínhamos certeza, no caderno de cultura da *Folha de Londrina*, que vinha outra peça boa pela frente”, lembra o jornalista londrinense Antonio Mariano Junior. “Era uma coisa impressionante. Todo o público do Festival de Teatro em São José do Rio Preto, aguardava, anualmente, as estreias da Nitis”, recorda o jornalista paulistano Jary Mércio.

Subversivo, o teatro de Nitis era um soco no estômago dos censores, um grito dissonante de liberdade e democracia. Por isso, incomodava para valer. “Às vezes, os censores chegavam para assistir às peças, e era uma correria tremenda. Nós tínhamos de improvisar um novo texto, e o que inicialmente era uma crítica, virava uma piada. O público que nos acompanhava achava aquilo tudo engraçado, já que a maioria dos censores londrinenses era incompetente e não entendia nada do que estávamos fazendo”, recorda.

Na peça *Arena Conta Zumbi*, as críticas eram ainda mais explícitas. Frases como “General bacana, general batuta, general, você é um filho da puta” deixavam claro a intenção de Nitis. Encenada até no exterior, a peça teve a estreia proibida em Londrina, mesmo com o texto previamente liberado pelos censores. “A polícia simplesmente fechou as portas do teatro. O público vaiou, e muito, a ação deles. Eu tentei explicar, disse que estávamos autorizados a encenar a peça, mas não adiantou nada. Todos os atores deixaram o teatro chorando, menos eu. Eu estava furiosa demais para conseguir chorar”, lembra.

Se abrir as portas do teatro, mesmo com autorização, não impedia a polícia de fechá-las, o jeito era já iniciar o espetáculo com as portas fechadas. Foi assim que Nitis resolveu levar o texto inédito de Chico Buarque e Ruy Guerra, *Calabar*, *O Elogio da Traição*, para o palco londrinense. Proibida no Rio de Janeiro, a peça podia ser encenada em Londrina, desde que fosse a portas cerradas. Após ter acesso ao texto, Nitis ensaiou o espetáculo com seus atores e lotou, no boca-a-boca, o teatro Ouro Verde.

“Às sete horas da noite, o teatro estava lotado. Foi a primeira vez que *Calabar*, com o texto original, foi encenada no Brasil. Se eu não me engano, fizemos apenas uma sessão. Depois de alguns anos, o Chico Buarque e o Ruy Guerra até conseguiram autorização para o espetáculo, mas tiveram de fazer uma série de mudanças no texto original”, comenta. Ao encenar *Calabar* na calada da noite, Nitis foi reconhecida por Chico Buarque. “Ele soube e gostou do que nós fizemos. Depois, nós nos conhecemos e o Chico até veio jogar futebol com o meu marido, aqui em Londrina”, comenta.

Na década de 1970, quando a censura apertou para o lado dela, Nitis achou que seria finalmente presa. “Hoje, penso nos textos que eu fiz e sei que aquilo foi uma loucura. Eu tinha certeza de que iria ser presa, então peguei meu marido, meus filhos e saímos viajando pela América do Sul, onde fiz contatos com grupos teatrais bolivianos e peruanos. Passamos, ainda, uma temporada na Inglaterra”, conta.



Do outro lado da rua

Enquanto Nitis tenta encontrar a edição de *Calabar* numa das prateleiras da biblioteca, vai falando sobre seu dom de fazer amigos. E de como estabeleceu fortes amizades até mesmo com seus censores dos anos de chumbo. “Quando a ditadura acabou, continuei amiga de um censor de Londrina. Era um homem muito inteligente e muito bonito. Nossa amizade durou anos”, revela. Enquanto ela relembra a imprevisível amizade, preparo a pergunta sobre o escritor londrinense Domingos Pellegrini. Dizem as más línguas que ela e o talentoso autor de *Terra Vermelha* não se bicam de forma alguma. Admirada e amada por figurões da cultura paranaense, Nitis, então, é mulher de um só inimigo eterno?

Sem abrir mão do riso, ela ironiza: “Ah, ele nem é tão importante assim para ser meu inimigo”, diz. Mas ela concorda, não troca uma palavra com o autor londrinense há um bom tempo e já chegou a mudar de rua, enquanto caminhava em Londrina, só para não ter de passar ao lado

dele. “Reconheço que ele é inteligente e tem bons livros, embora eu nunca tenha tido interesse em ler qualquer um deles. O Domingos escreveu várias críticas dizendo que meu trabalho era uma porcaria. Ó, elas estão todas ali, no meu acervo de matérias. Num determinado momento, percebi que ele não estava falando apenas das minhas peças, mas estava me ofendendo também, dizendo que eu era incapaz de preparar meus atores”, diz.

A postura de Pellegrini na *Folha de Londrina*, segundo Nitís, era radicalmente diferente da postura que ela adotava ao comentar os espetáculos de outros artistas. “Eu jamais faria como ele. Nunca escrevi uma crítica falando mal de uma peça que não gostei. Se estava ruim, eu chegava no diretor, nos atores, e conversava, incentivava algumas mudanças. No jornal, só escrevia sobre o que havia me agradado”, afirma. Mais tarde, Pellegrini enviou-me um e-mail conciso, porém cordial, recusando-se a comentar a relação com sua rival do mundo do teatro: “Nada tenho a dizer sobre Nitís”, escreveu o autor londrinense, vencedor de seis prêmios Jabuti.

Para Márcio Américo, o Filo teria fechado os olhos aos talentos londrinenses e privilegiado apenas os nomes gringos em suas programações desde que Nitís deixou a organização do festival. “Eu, o Mário Bortolotto e mais alguns nomes do teatro londrinense, que somos conhecidos nacionalmente, não recebemos convites para ir ao Filo. Isso é no mínimo estranho. A ideia da Nitís, o objetivo inicial do Filo, era difundir, em primeiro lugar, a cidade. Depois o Paraná, o País e só então o mundo. Mas parece que as coisas mudaram. Os profissionais da cidade estão sem espaço”, critica.

O jornalista Paulo Briguet, de Londrina, rechaçou o suposto ostracismo sofrido por Mário Bortolotto e o desinteresse do Filo pelas atrações locais. “Eu já assisti a várias peças do Bortolotto no Filo, boas e ruins. Do Márcio Américo, nunca vi nada, e lamento que ele não tenha espaço. Mas eu me lembro de ter visto dezenas de peças locais durante o festival, e a Nitís não estava mais na direção, já era o Luiz Bertipaglia. Quando eu escrevia o catálogo do Filo, entre 2000 e 2005, fiz inúmeras resenhas de espetáculos



Com a campainha insistente, Nitís se levanta da cadeira e vai atender quem bate à porta. E já que entramos no delicado tema das críticas, preparo o próximo tema espinhoso. Antes de tocar para Arapongas, um rápido dedo de prosa com os dramaturgos londrinenses Mário Bortolotto e Márcio Américo revelou a admiração de ambos por Nitís e uma crítica em comum às últimas edições do Filo.

“Estou voltando ao Filo neste ano, com *Mulheres*, do Bukowski. Mas perdi totalmente o contato com o festival, não sei mais como está. Nos anos 1980, quando eu era jovem, o Filo era fodido. Desde que a Nitís deixou o festival, nunca mais recebi um convite para me apresentar lá”, reclamou Bortolotto.

londrinenses na programação do festival. O Mário e o Márcio são ótimas pessoas, bons escritores, mas adoram reclamar”, diz Briguet.

E vou resumindo essas declarações para Nitís, que acaba de voltar à biblioteca, sentando-se na poltrona ao meu lado. “Então, Nitís, o Filo deixou de dar espaço aos artistas londrinenses?”, indago. Cuidadosa, a resposta vem pela primeira vez aos solavancos, em frases milimetricamente pronunciadas. “Talvez... Talvez o Bortolotto e esse outro Márcio tenham razão. Talvez, por alguma circunstância, talvez pela falta de conhecimento no início do festival, o Luiz Bertipaglia e os outros meninos da organização tenham feito isso mesmo. Mas eu já não podia determinar

a programação. O Bortolotto, acho que ele não gosta de mim, mas ele é incrível, é um grande diretor. Gosto muito das peças dele. Agora, esse Márcio Américo eu sinceramente nunca ouvi falar”, comenta.

Nitis não é capaz de dirigir o próprio carro desde que caiu de uma escada e quebrou a clavícula. Para ir à clínica e participar das reuniões do Filo, conta com a ajuda de uma governanta, que assume o volante de seu automóvel. Seu marido morreu no ano passado, em decorrência de um câncer. Dos três filhos, um dirige uma companhia de dança na Alemanha, outro é agricultor perto de Arapongas e a outra é antropóloga no Rio de Janeiro. Extremamente lúcida, ela responde rapidamente e sem hesitações a todas as perguntas, como se o teatro abastecesse seus ânimos e sua alma. Confunde-se só ao tentar lembrar datas, nomes de peças ou de seus próprios grupos teatrais. Quem bater à porta de Nitis em busca do número de quantos espetáculos ela dirigiu, escreveu e atuou em toda a sua vida, sairá de mãos vazias. “Foi muita coisa. Ninguém nunca fez esse levantamento. Para piorar, minha memória me trapaceia sempre”, comenta.

“E por que você nunca levou para os palcos a literatura de Dalton Trevisan?”, questiono. “Ah, o Dalton tem uns livros muito bons, mas eu sempre privilegiei os autores com textos políticos. Fiquei amiga de Dalton durante minha temporada em Curitiba, tivemos um relacionamento superficial. Sabe o que eu achei dele? Achei o Dalton muito bonito”, revela.

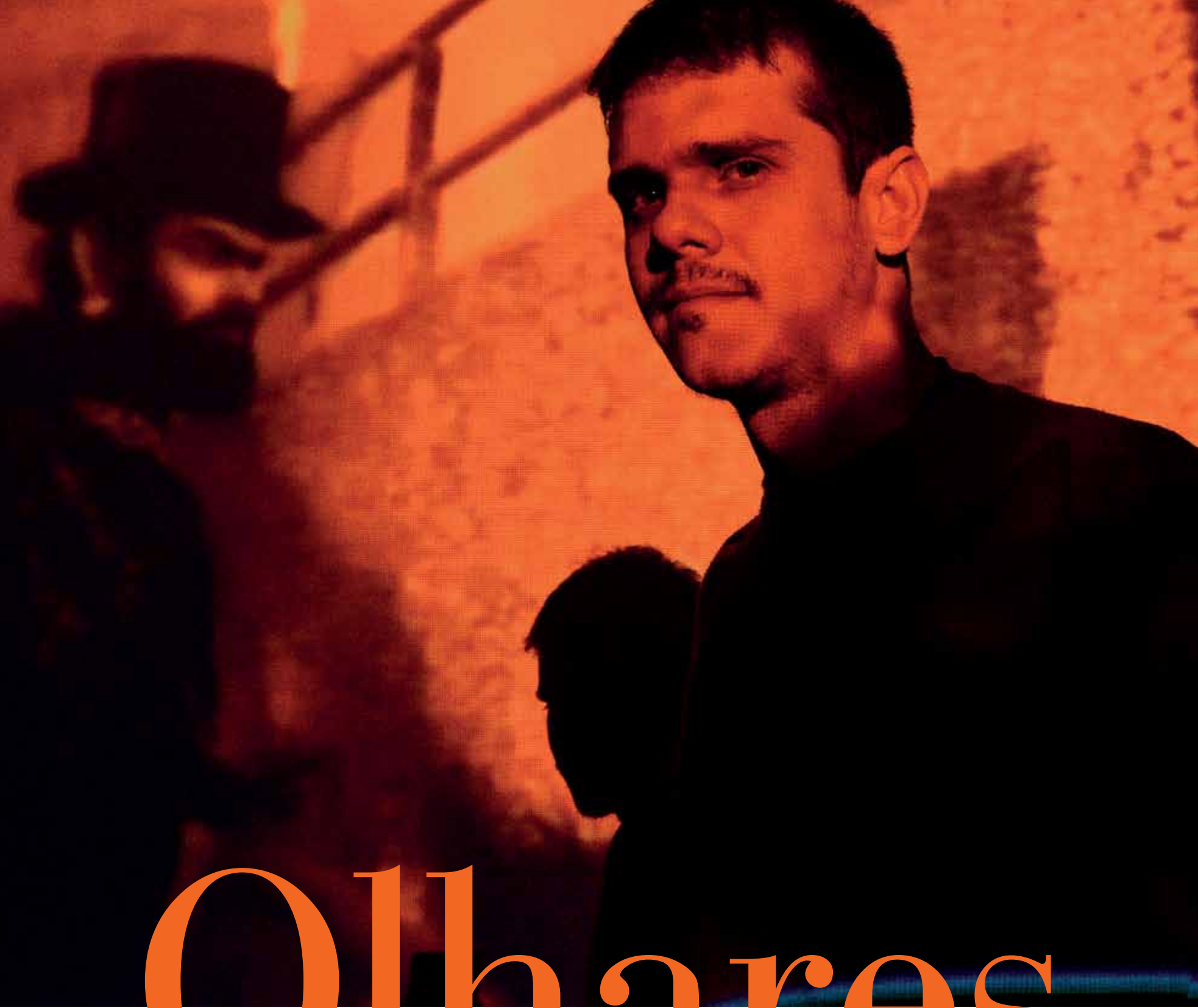
Sugiro, já encerrando a conversa, uma compilação de seus textos num livro. “Passaria fácil pela Lei Rouanet”, eu digo. “Eu sei que passaria, eu sei. Difícil é tempo para fazer isso. Se você quiser, pode fazer, os textos estão todos aí ao seu lado”, diz, apontando para as caixas no chão da biblioteca. Conto que alguns jornalistas me disseram que ela deveria ser homenageada com um teatro municipal em Londrina e lembro que um outro jornalista prefere que ela seja recepcionada com uma grande homenagem em São José do Rio Preto. Nitis dá uma boa risada disso tudo.

O que ela quer, mesmo, é escrever uma peça inédita no próximo ano. De vez em quando, na frente do computador, ela começa a traçar diálogos, ideias, rascunhos que ainda não desembocaram em lugar algum, mas que funcionam como uma terapia literária. “Não consigo prever como será. Mas sinto que virá uma nova peça pela frente”, anuncia. E, se vier, será certamente para provocar. “Essa é a função do teatro. Provocar a raiva, o amor, iluminar a inteligência”.

Na despedida, ajudo Nitis a descer os três lances de escada de sua casa. Noto que a piscina está vazia, faz tempo que alguém não mergulha por lá. Ela me dá um beijo, agradece a visita, fala que foi tudo muito bom. Na Rua Bentevi, no centro de Arapongas, digo adeus, pela última vez, ao teatro londrinense. E saio sem pagar a consulta com a Dra. Nitis. ■

.....
 • Alexandre Gaioto é jornalista. Colaborou com os jornais *Correio Braziliense*,
 • *Jornal do Brasil*, *Zero Hora*, *Gazeta do Povo*, *O Estado do Paraná* e *Folha de*
 • *Londrina*. Atualmente, é repórter de *O Diário do Norte do Paraná*, em Maringá.





Olhares

que transformam

por DIOGO CAVAZOTTI | foto KRAW PENAS

O CINECLUBISMO PARANAENSE SURTIU NO FIM DOS ANOS 1940, GANHOU FORÇA DURANTE A DITADURA E VOLTOU À TONA COM A DEMOCRATIZAÇÃO DAS MÍDIAS DIGITAIS



Miguel Haoni, curador e produtor do Cineclubes Sesi:
"Com a democratização das mídias digitais,
ficou mais fácil fazer projeção de filmes".

É difícil encontrar um cineasta que não tenha participado de um cineclubes nos tempos da juventude e início de carreira. Para muitos, o expediente de reunir aficionados para ver e discutir filmes ainda é parte importante da formação dos profissionais da área. No Brasil, a cultura do cineclubismo aportou com maior força nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Inclusive no Paraná, onde inúmeros grupos do gênero foram criados. Para se ter uma ideia, existiam nessa época cineclubes em instituições como Universidade Federal, Assembleia Legislativa, Biblioteca Pública do Paraná, Cefet (atual UTFPR), Colégio Santa Maria, Cúria Metropolitana de Curitiba e tantos outros — sem contar iniciativas do interior, especialmente em Londrina e Maringá.

O primeiro cineclubes de que se tem notícia no Paraná foi criado em 1948 por Armando Ribeiro Pinto. Chamado de Clube de Cinema de Curitiba, o espaço exibiu obras de diretores cultuados e centralizava os debates na formação crítica do público. No começo dos anos 1960, foi a vez do cineasta Sylvio Back fundar o Clube de Cinema do Paraná.

Na década de 1970, o movimento cineclubista em Curitiba acompanhou os anseios de redemocratização do país. Em 1974, foi realizada no Teatro Paiol a VIII Jornada Nacional de Cineclubes, organizada pelo conselho nacional da categoria. Durante o encontro, foram ofertadas palestras, reuniões e, claro, exibições de filmes, atraindo participantes de diferentes partes do Brasil. A jornada não era realizada no País desde 1968, por causa da ditadura.

Nessa fase, os cineclubes eram espaços para se discutir, pensar, expor ideias e, sobretudo, esbravejar. Durante as reuniões (que não abrigavam apenas interessados em trabalhar com cinema, mas também filósofos, escritores, historiadores e estudantes), muitos expressavam suas opiniões de repúdio ao regime ditatorial no Brasil. "Como quase tudo era perseguido, censurado e vigiado, eram nos cineclubes que tínhamos a oportunidade de discutir a realidade brasileira. Lá havia certa liberdade, pois as reuniões eram realizadas com o pretexto de debater filmes", explica o cineasta e diretor do Museu da Imagem e do Som do Paraná, Fernando Severo.

Os debates ficavam ainda mais calorosos quando eram exibidos títulos do cinema político italiano e produções do Cinema Novo. Foi um momento em que os cineclubes se uniram a movimentos estudantis e eram frequentados por pessoas ávidas por filmes que expressassem as inquietações da parcela da população considerada "subversiva".

O outro marco da atividade cineclubista no Paraná foi a criação, em 1975, da Cinemateca do Museu Guido Viaro (atual Cinemateca de Curitiba), localizada onde hoje funciona a Casa da Memória. A instituição, então dirigida pelo jornalista, escritor e cineasta Valêncio Xavier, oferecia cursos de cinema, programava exibições e emprestava filmes ao público. No ano seguinte, os cineclubes paranaenses se organizaram ainda mais graças à realização do 1º Encontro de Cineclubes do Paraná, promovido pela própria Cinemateca, onde foi criada uma federação estadual, dirigida por José Gil de Almeida.



Reunião do grupo ProFilms
acervo | Fernando Severo

José Augusto Iwersen recebendo das mãos do ator Karl Malden o Troféu Tribunascopo de Ouro, em 1964, pelas atividades do Cineclube Pró Arte. foto | acervo pessoal

José Augusto Iwersen e o cartaz de *O Demônio das Onze Horas*, de Jean-Luc Godard: nouvelle vague e Cinema Novo faziam parte da programação do Cineclube Pró Arte.



Para José Augusto Iwersen, fundador do lendário cineclube do Colégio Santa Maria, que mais tarde viria a se chamar Pró Arte, um dos mais ativos na década de 1960, a criação da Cinemateca proporcionou melhores condições aos outros cineclubes da época. “Valêncio Xavier e Francisco Alves dos Santos [crítico e cineasta] ajudaram muito os cineclubistas locais. Foi com a Cinemateca que Curitiba recebeu filmes e promoveu debates até então inéditos por aqui.”

O próprio Iwersen manteve por anos em Curitiba o Riviera, um dos únicos cinemas da cidade a exibir filmes de arte. Os frequentadores não eram apenas os cineclubistas, mas também um público interessado em assistir a títulos que não tinham espaço nas salas comerciais — como *Persona*, de Ingmar Bergman, ou *Barravento*, de Glauber Rocha. A sala funcionava na esquina da Avenida Marechal Deodoro com a Rua Tibagi, no antigo salão nobre do Colégio Santa Maria. Debates também eram frequentes por lá, inclusive com a participação de expoentes do cinema nacional, como os atores Reginaldo Farias e Glória Menezes.

Pelo Pró Arte circulavam figuras importantes da cultura local (Paulo Leminski, Aramis Millarch, Sylvio Back, Francisco Cunha Pereira, Luiz Geraldo Mazza, Dico Kremer). “Os debates pegavam fogo. Todo mundo que tinha algo para dizer ia ao cineclube. Não havia assunto proibido”, conta Iwersen. As mostras de cinema russo, polonês e tcheco também ficavam lotadas, atraindo um público em busca de informações do que era realizado no mundo.

Espaço de formação

A Cinemateca não se constituiu exatamente como um cineclube, mas agregava quem participava dessa atividade. “No início, o local organizava cursos, mostras temáticas, debates e oficinas práticas, reunindo muitos cineclubistas. A Cinemateca foi responsável por formar uma

geração de cineastas em um tempo sem cursos livres ou acadêmicos de cinema”, conta a professora e pesquisadora de cinema Solange Stecz, ex-coordenadora da Cinemateca e atual membro do Conselho Estadual da Cultura. “A gestão do Valêncio Xavier na Cinemateca foi marcada por dar espaço para a discussão e o debate sobre a realidade nacional. Havia também apoio às produções locais. Um exemplo foi o filme *Cicatrices*, um curta em 16 milímetros do Francisco Alves dos Santos sobre a ditadura militar”, lembra Solange.

Presença constante em diversos cineclubes existentes na época, Fernando Severo fez parte de um dos mais emblemáticos: o Profilms, surgido em 1978 na própria Cinemateca. Do grupo fizeram parte ainda os irmãos Wagner, pioneiros da animação no Paraná, Hugo Mengarelli, Roberto Pitella e Renato Adur, entre outros. Este cineclube apresentava filmes gravados em Super-8 e, após a exibição, os participantes saíam para fazer seus próprios registros pela cidade. Muitos aprenderam e começaram a filmar ali.

Outros intelectuais que mais tarde se tornariam realizadores e críticos de cinema foram cineclubistas em Curitiba. Gente como Rui Vezzaro, Berenice Mendes, Eloi Pires Ferreira, Beto Carminatti, Marco Mello. “Os cineclubes são muito marcantes na carreira de um cineasta. São como um rito de passagem, pois proporcionam uma visão mais aprofundada do cinema”, opina Severo.

O início dos anos 1980 ainda foi de grande movimentação na atividade cineclubista local. Em 1984, a reunião anual do Conselho Nacional de Cineclubes voltou a ser realizada em Curitiba, no Colégio Estadual do Paraná. José Gil de Almeida, então dirigente do cineclube dos funcionários da Assembleia Legislativa do Paraná, foi eleito presidente da federação paranaense e iniciou uma gestão que incentivou a criação de novos grupos na capital e mostras itinerantes pelo Estado. Dois anos depois, ele foi escolhido presidente do Conselho Nacional, colocando o Paraná pela primeira vez na sede nacional da entidade.

Pausa e retomada

O final da década de 1980 foi marcado por uma certa desarticulação dos cineclubes. Segundo o crítico e cineasta Francisco Alves dos Santos, houve a migração de lideranças para movimentos sociais, políticos e partidários, já que os cineclubes perderam o papel de conscientizar por meio do cinema. Santos trata desse assunto em seu *Dicionário de Cinema do Paraná*: “O aparecimento do vídeo e das videolocadoras deve também ter contribuído para isso. O movimento cineclubista praticamente passou a subsistir apenas em alguns núcleos. Estes, mesmo não abrindo mão do propósito da programação alternativa ou do filme artístico, transformaram-se em estruturadas e bem-sucedidas empresas de exibição. Isso ocorre principalmente no Rio de Janeiro”.

Solange Stecz não acredita que o “vilão” da redução dos cineclubes tenha sido a popularização do VHS. “Se fizermos uma retrospectiva histórica, veremos que os cineclubes dos anos 1930, 1940, 1950 e 1960 foram substituídos nas décadas seguintes pelas cinematecas, cursos livres e faculdades de cinema.”

Em 2003, iniciativas em São Paulo e Brasília retomaram a movimentação dos cineclubes no país. Atualmente, Curitiba possui alguns exemplos bem-sucedidos, como o Contramão (organizado por Tom Lisboa desde 2007 no Espaço Cinevídeo), o Cineclubes Sesi (que acaba de completar um ano), o projeto Juliette Convida (que traz diretores à cidade para debater os próprios filmes) e o Espoletta (criado por Beto Carminatti e realizado no Museu Guido Viaro), entre outros.

O curador e produtor do Cineclubes Sesi, Miguel Haoni, trabalha na área há cinco anos. Ele repete em Curitiba sua experiência no Cineclubes CCBEU, de Belém (PA), que atrai um público de 50 a 70 pessoas por sessão. No Sesi, as exhibições são semanais, divididas em ciclos de aproximadamente um mês, e atraem uma média de 17 pessoas por apresentação. Mas esse número varia bastante. No debate sobre o filme *Matou a Família e Foi ao Cinema*, realizado em julho deste ano, a sala estava lotada, com aproximadamente 30 pessoas interessadas em assistir ao segundo longa-metragem de Julio Bressane, rodado em 1969.

“A proposta do cineclubes é democratizar o saber cinematográfico e fazer circular produções de pouca visibilidade ou pouco discutidas na comunidade. Por meio disso, desenvolve-se um diálogo, uma forma de educação alternativa”, opina Haoni. Segundo ele, a iniciativa tem dado certo, tanto que o Sesi vai expandir as apresentações para São José dos Pinhais em 2014. “No Brasil inteiro, com a democratização das mídias digitais, ficou mais fácil fazer projeção de filmes. O único empecilho é a iniciativa das

pessoas se assumirem como cineclubistas”, diz. Neste ano, o espaço, que funciona na Sala Multiartes do Centro Cultural Sistema Fiep, ainda vai apresentar ciclos sobre a *nouvelle vague* japonesa, o cinema de Wes Anderson e uma seleção de títulos que serviram de base para o desenvolvimento da teoria do crítico André Bazin.

Essa retomada, mesmo com a facilidade de baixar filmes pela internet ou encontrá-los em locadoras, preserva o princípio básico de um cineclubes: o debate. “É a exposição de ideias que mantém viva a chama de cada cineclubes. Um ponto importante disso é o funcionamento de um movimento fora do mercado *blockbuster*, um espaço para o pensamento e a reflexão sobre possibilidades de transformação social”, afirma Solange. ■



Antiga sede da Cinemateca e carteirinhas dos sócios.

- Diogo Cavazotti é jornalista, especialista em jornalismo digital. Atuou como repórter do jornal *Folha de Londrina* e venceu o prêmio Sangue Bom do Jornalismo Paranaense, na categoria reportagem impressa, em 2009.
- Atualmente, é assessor de comunicação da Secretaria da Cultura do Paraná.



coração

1

O JORNALISTA ROBERTO MUGGIATI VASCULHA SUAS MEMÓRIAS EM BUSCA DO “FILME PERDIDO” NO PARANÁ PROFUNDO DOS ANOS 1940/50

ilustrações LUIZ SOLDA

Godard ainda não tinha decretado que o cinema é a verdade 24 fotogramas por segundo. Não se faziam filmes com uma câmera na mão e uma ideia na cabeça. O que a gente via nas telas naqueles anos eram os produtos industrializados saídos da linha de montagem de Hollywood — a Fábrica de Sonhos que entreteve o mundo durante os anos cruéis da Depressão e da Segunda Guerra. Fomos colonizados culturalmente — e não só os brasileiros — pelo cinema americano.

O primeiro filme a gente nunca esquece. Esqueci totalmente o meu, *O Mágico de Oz*. Só o vi de verdade em Londres, já aos 25 anos, quando lançaram a cópia restaurada. Mas alguma coisa deve ter ficado no inconsciente: “Over the Rainbow” é uma de minhas canções favoritas – e também dos jazzistas que amo. Nasci em 1937, *O Mágico de Oz* é de 1939 – devem ter me levado ao cinema ainda muito criança... *Oz* foi também o primeiro filme de Salman Rushdie, britânico nascido na Índia, que escreveu um livro a respeito: “... (sua) força motriz é a incapacidade dos adultos, até dos bons adultos; a fraqueza deles obriga as crianças a tomarem as rédeas de seu próprio destino e assim, ironicamente, se tornarem adultos também”.

Minhas primeiras experiências fílmicas se deram ainda de calças curtas nas matinês de domingo no Cine Broadway, na Rua XV esquina com Travessa Oliveira Bello. Primeiro, trocava gibis na calçada, depois passava pela bombonnière no foyer — os “pulgueiros”, ou “poeiras”, também tinham isso — e comprava um pacote de balas de canela polvilhadas de açúcar, redondas e duras como bolas de gude, o pesadelo (ou deleite) dos dentistas. Íamos eu e minha irmã, com o filho do vizinho e a irmã, sob a guarda de uma empregada, que incorporava à comitiva o namorado, um “reco” (recruta), de bibico e farda verde-oliva. O ingresso, bem mais barato que o das salas de luxo, dava direito a cinco horas seguidas de cinema (das 13 às 18 horas), com desenhos animados, três filmes e dois seriados. A plateia mirim assobiava, batia os pés, torcia pelo mocinho e vaiava

celuloide

Os “longas” eram produções B, faroestes e policiais. Tinha Hopalong Cassidy e o Cavaleiro Solitário (com o índio Tonto e o cavalo Silver), detetives como Sherlock Holmes, Charlie Chan e Mr. Wong. Filmes do heroísmo colonial como *Gunga Din*, *Beau Geste* e *Lanceiros da Índia*. Fabulosas aventuras de piratas e fitas de terror cheias de dráculas e frankensteins. Nos faroestes, as perseguições a cavalo eram filmadas sempre no mesmo local, a grama já estava careca. Muitas sequências eram rodadas com o recurso da “noite americana”: a cena, filmada em pleno dia, parecia noturna nas telas, graças a uma trucagem de objetiva. Eram filmes simples. No fundo, se resumiam

As trilhas comentavam a ação e muitas vezes a reforçavam, com sonoridade wagneriana. Eram assinadas por compositores eruditos europeus fugitivos do nazismo que foram ganhar a vida em Hollywood. Nomes pomposos como Daniele Amphiteatrof, Constantin Bakaleinikov, Dimitri Tiomkim e Miklos Rosza, autor da fantástica trilha de *Spellbound* (*Quando Fala o Coração*) — o filme de Hitchcock ficou para sempre associado à música. Os créditos, na época, bem menores, vinham na abertura do filme. Lembro de Sydney Guilaroff, filho de judeus russos nascido em Londres, que em 50 anos de Hollywood foi o cabeleireiro das estrelas. Guilaroff criou penteados icônicos, como o estilo “capacete” de Louise Brooks, a franjinha de Claudette Colbert, os cabelos ruivos de Lucille Ball e as trancinhas de Judy Garland em *O Mágico de Oz*. Foi ele que assinou o penteado de Grace Kelly no casamento com o Príncipe Rainier de Mônaco.

Aos 11 anos, no Carnaval de 1949, passei uma temporada em Jacarezinho. Embora pequena, a cidade tinha um bispo, Dom Geraldo de Proença Sigaud, que reinava sobre a vastíssima diocese do Norte Pioneiro do Paraná, estimada em 2 milhões de almas. Havia o ritual do *footing* depois do jantar: as famílias passeavam a pé pelas ruas do centro, rapazes e moças empenhados numa pré-cerimônia de acasalamento, e depois iam todos ao cinema. Não lembro bem dos filmes que vi, mas não esqueci um galã, Tyrone Power. Pode ter sido *A Marca do Zorro*, em que fazia o justiceiro mascarado. Ou *Sangue e Areia*, o trágico clássico de touradas. Ou até mesmo *O Fio da Navalha*, baseado no romance de Somerset Maugham, que antecipava o herói moderno debatendo-se com a questão existencial. O Cine Éden era o principal da cidade. Seu



serviço de alto-falantes transmitia também os jogos da Esportiva de Jacarezinho, que se tornara uma sensação do campeonato paranaense. Foi pelos alto-falantes do Éden que a cidade soube, em 1944, da tragédia do craque Babãozinho: num jogo amistoso contra o Britânia, em Curitiba, ele sofreu uma cama-de-gato, quebrou o pescoço e morreu. Curiosamente, Jacarezinho entraria para a história do cinema ao servir de cenário, em 1963, para o filme *Sugar Loaf (Pão de Açúcar)*, com o galã italiano Rossano Brazzi e a ruiva fatal Rhonda Fleming: lá, na Fazenda Califórnia, foi rodada a cena de uma quadrilha de festa junina.

Anos depois, já adolescente (ainda no norte do Paraná), vi Rhonda num filme de época, exuberante de corpete com laçarotes e saia rodada. Foi no luxuoso Cine Ouro Verde, de Londrina, onde eu passava férias na casa de uma tia. Coincidência estranha: o Ouro Verde pegou fogo no domingo, 12 de fevereiro de 2012, no momento em que eu acompanhava, no Rio, a cremação do meu amigo Dejean Magno Pellegrin (que eu chamava O Cavaleiro Galante da Sétima Arte) pai do cineclubismo carioca e meu companheiro de incontáveis sessões em Paris.

O cinema não se restringia às salas urbanas, mas se espalhava pelos cafundós do Paraná, onipresente como o nome das Casas Pernambucanas pintado a cal nas pedras que margeavam as estradas mais remotas. Bastava ter um projetor, algumas latas com rolos de filmes e uma tela, ou um simples lençol branco, que estava criado um cinema. Meu tio, José Muggiati Sobrinho, com esse equipamento básico, promovia sessões de cinema no balneário de Guaratuba no início dos anos 1950. Ao fim da sessão, as cadeiras eram encostadas às paredes e o galpão se transformava em pista de forró para os pescadores locais. Foi lá que vi um dramalhão mexicano inesquecível: *Maria Candelária*, de Emílio Fernández, que escreveu o enredo em 13 guardanapos de papel num restaurante, enquanto esperava a atriz Dolores del Río, ansioso porque não podia comprar um presente de aniversário para ela. Estrelado por Dolores e Pedro Armendáriz, filmado na Cidade do México com fotografia do mestre Gabriel Figueroa, *Maria Candelária*, conquistou o Grand Prix da primeira edição do Festival de Cannes, em 1946.

Veio depois a época do cineminha semanal no auditório do Clube Curitibano, na Barão do Rio Branco: muitos filmes de gangsteres, presidiários e policiais, além de *noirs* clássicos, com o herói malsinado e a loura fatal. Atores fabulosos como Humphrey Bogart, James Cagney, George Raft, Richard Widmark (o “Risadinha”) e John Garfield, o precursor do estilo *bad boy* de Marlon Brando e Paul Newman. Morreu moço, aos 39 anos, e dizia: “Se não me tornasse ator, eu teria sido o Inimigo Público Número

Um.” Vi no Curitibano uma fita baseada num conto de Hemingway em que Garfield é jôquei em Paris e namora a bela Micheline Presle: *Under my Skin (Vingança do Destino)*. Ao contrário do que o título sugere, não toca a canção de Cole Porter, mas uma valsa francesa, “La Seine”, que me comove até hoje.

Em 1955 nossa turma fazia o último ano do “científico” no período noturno — de dia, ralávamos no cursinho para o vestibular. Toda noite pedíamos aos professores a dispensa da aula, com a presença devidamente anotada. Ficávamos assim ao léu. Íamos jogar sinuca ou jogar conversa fora numa esquina ou num bar, ou encarávamos um cineminha. São dessa época as sessões do Cine Palácio, feudo de uma distribuidora de filmes italianos e franceses. Ali, acompanhamos a Guerra Fria de uma maneira divertida, longe do pesadelo nuclear, nos entreveros do padre Don Camilo com o comunista Peppone, magistralmente encarnados por Fernandel e Gino Cervi.

Era também a descoberta de um cinema bem mais carnal do que o americano. Não perdemos uma noite, enquanto ficou em cartaz, *O Julgamento de Frinéia*, em que Vittorio De Sica arrancava dramaticamente num tribunal o manto que cobria a nudez de Gina Lollobrigida. Tinha também Sophia Loren em *O Signo de Vênus*. As coxas da Silvana Mangano em *Riso Amaro*, com aquele meio preto chafurdando no arrozal, nos deixavam loucos para provar aquele arroz, por mais amargo que fosse. La Mangano voltava a nos atazanar quando despia as vestes de freira para dançar um erótico baião em *Anna*, cena tão marcante que Nanni Moretti a citou com destaque em seu filme *Caro Diário*.

No Palácio, mal terminava o filme e acendiam as luzes, o sistema de som começava a tocar a assinatura musical da sala, “Dicitencello Vuie”, na voz de Tito Schipa. Os versos em napolitano falavam de amor: “‘A voglio bene... / ‘A voglio bene assaje! / Dicitencello vuje/ ca nun mm’ ‘a scordo maje. /É ‘na passione, /cchiù forte ‘e na catena, / ca mme turmenta ll’anema.../ e nun mme fa campá!” (“Te amo tanto / Te amo até demais!/ Diga a ela/ Que não posso esquecê-la jamais/ É uma paixão/ Mais forte que um grilhão, / Que me atormenta a alma / E não me deixa viver”. Ah, minha alma italiana, o sangue ferve ainda hoje quando ouço essa canção.

Nas matinés, era brutal o choque com a realidade ao sair da sala escura para a rua banhada de sol. Sofri três aturdimentos marcantes:

- Ao ver Ava Gardner no Cine Avenida cantando “Speak Low” no filme *One Touch of Venus (Vênus, Deusa do Amor)*, envolta numa toga branca (sem sutiã!). A deusa foi chamada “o animal mais bonito do mundo”, frase que o

departamento de publicidade da Metro Goldwyn Mayer atribuiu ao escritor Ernest Hemingway (mas que foi dita pelo poeta francês. Jean Cocteau). Hemingway disse sobre Ava: “Ela é a essência da feminilidade que as outras mulheres não sabem passar para os homens”. A atriz estreou três filmes baseados em Hemingway, *Os Assassinos*, *O Sol Também se Levanta* e *As Neves do Kilimanjaro*.

- Ao ver James Dean em *Vidas Amargas*, no mesmo Avenida. Eu tinha 17 anos e toda a rapaziada se identificou instantaneamente com Jimmy, imitando seu olhar de esguelha rebaixado, triste como um cãozinho abandonado. Morreu naquele mesmo ano e veríamos ainda seu fantasma em *Rebel Without a Cause* (*Juventude Transviada*) e *Giant* (*Assim Caminha a Humanidade*), com o mesmo viés desajustado e rebelde.

- Ao ver *Ladrões de Bicicleta*, no Cine Ópera, onde até então só me divertira com musicais da Metro, como *Escola de Sereias* e *Cantando na Chuva*. Eu via naqueles filmes aparentemente ingênuos uma transgressão dos valores estabelecidos da sociedade de consumo do pós-guerra. Querem coisa mais subversiva do que Fred Astaire dançando no teto de cabeça para baixo? A própria cena-chave de *Cantando na Chuva* mostra isso de modo sutil quando Gene Kelly interrompe sua dança, à passagem de um policial de ronda armado de cassetete, como que piscando o olho malandramente para a plateia... Mas *Ladrões de Bicicleta* foi outra coisa, uma verdadeira porrada! Eu não sabia que era possível fazer filmes assim. Não sabia sequer que aquela realidade dura e cruel existia.

Voltando às musas: os franceses contra-atacavam com a louraça Martine Carol, que interpretou Lucrécia Borgia e Madame du Barry e fez um filme estranho, com um diretor de nome estranho (Max Ophüls), *Lola Montès*, só anos depois soubemos que era peça de cinemateca. E, é claro, não só Deus descobriu a mulher, mas também nós: Brigitte Bardot (no Brasil, virou nome de pãozinho e marchinha de Carnaval na voz de Jorge Veiga: “BB, BB, BB, por que é que todo mundo olha tanto pra você?”). Mal podia eu imaginar que veria de perto Brigitte Bardot, Françoise Arnoul, Marina Vlady e Mylène Demongeot quando estudava jornalismo em Paris no início dos anos 1960, que trombaria com Ava Gardner num cinema de Londres em 1963 quando cobria para a BBC a pré-estreia de *55 Dias em Pequim* e entrevistaria tête-à-tête Gina Lollobrigida para a *Manchete* no Carnaval de 1967.

O cinema europeu (francês, italiano, inglês, polonês, sueco) nos levou para filmes mais refinados no Marabá, um pequeno *cinéma de quartier* parisiense encravado no alto da Mateus Leme. Era um ritual: nos domingos

de inverno à noite, eu subia a pé debaixo da garoa fina aquelas ruelas de paralelepípedos lustrosos além da Praça da Ordem até a charmosa sala onde vi preciosidades como Brigitte em *Les Bijoutiers du Clair de Lune* (*Vingança de mulher*) e *La Femme et le Pantin* (*A Mulher e o Fantochê*), *remake* do clássico de Marlene Dietrich e Josef von Sternberg, *Mulher Satânica*, que Buñuel refaria depois como *Esse Obscuro Objeto do Desejo*, seu último filme. Além de BB, despertei para a sensualidade mais discreta de Françoise Arnoul num filme de Vadim, *Sait-on Jamais* (*Aconteceu em Veneza*), que tinha tudo para me agradar: um *noir* em cores passado em Veneza com a trilha sonora do Modern Jazz Quartet. Vadim faz uma referência, ou reverência, a *O Terceiro Homem*: transporta o diálogo de Orson Welles com Joseph Cotten na roda-gigante de Viena para o Campanile de Veneza, com a Piazza San Marco lá embaixo. Sim, *O Terceiro Homem*, um filmaço, repercutiu em Curitiba, como no mundo inteiro, embalado pela canção-título composta e tocada na cítara por Anton Karas, um vienense com ancestrais húngaros e checos. A música fez tanto sucesso que meu pai — como outros pais — comprou para mim uma cítara que vinha acompanhada de partituras simplificadas: bastava colocar o papel sob as cordas e dedilhar com uma palheta nas bolinhas indicadas que você tocava o tema do filme e outras canções.

O cinema brindou-me com um episódio de transgressão que prezo até hoje: quando fazia o CPOR, vi-me condenado numa noite de verão a uma marcha de 36 quilômetros com 36 quilos de mochila nas costas. Valendo-me de uma unha encravada, apresentei-me ao médico na manhã anterior à marcha e fui dispensado. Escolhi preencher a noite livre indo ver *Casablanca* pela primeira vez. Ainda estava claro quando comecei a sair de casa para a sessão das oito no Cine Luz. Mal abri a porta, ouvi o som da marcha cadenciada e o alarido da tropa: era a minha turma do CPOR a caminho de Santa Felicidade. Agachei-me atrás das hortênsias do jardim e vi o bando passar. Não bastasse *Casablanca* ser o filme que é, o bizarro incidente garantiu-lhe um lugar especial na minha memória afetiva.

Acreditem ou não, foi no próprio quartel do CPOR que assisti a um filme de guerra antológico, *Stalag 17* (*Inferno nº 17*), de Billy Wilder, com meu galã cínico preferido, William Holden. Estávamos a oito anos do Golpe de 64, os militares de então contentavam-se em ficar no seu lugar, não pareciam ainda assanhados pelo poder.

Nessa época, começou a se formar em Curitiba uma confraria de cinéfilos: Adherbal Fortes de Sá Jr, Celina Luz, Eduardo Virmond, Luiz Geraldo Mazza, Walmor Marcelino e Sylvio Back, depois cineasta. Na incipiente cinemateca da Biblioteca Pública, vi um desenho anima-

do genial do canadense Norman McLaren, *Begone Dull Care*, em que ele desenhou direto no celuloide imagens que casavam com as improvisações de Oscar Peterson ao piano. Lembro de uma segunda-feira de Carnaval no Cine América, um poeira da Rua Voluntários da Pátria, em que passava um filme de Bergman, *Kvinnors Vontan* (*Quando as Mulheres Esperam*) — talvez o título no Brasil induzisse os rapazes a pensamentos eróticos. Competíamos para ver quem conhecia mais títulos de Bergman em sueco. *Smultronstället* (*Morangos Silvestres*) era o campeão de audiência. *Ansiktet* (*O Rosto*) era fácil de guardar. Bem menos, *Sommarnattens Leende* (*Sorrisos de uma Noite de Amor*), *Gycklarnas Afton* (*Noites de Circo*) e *Det Sjunde Inseglät* (*O Sétimo Selo*). Todo esse amor pelo celuloide nos levaria ao sacrossanto ofício de crítico de cinema. Recorto a esmo algumas de nossas resenhas para o suplemento Letra & Artes do *Diário do Paraná*. Na discussão dos “melhores de 1959”, por exemplo:

- Sylvio Back, *A Marca da Maldade*: “São poucos os que como Orson Welles (Kubrick, Aldrich) vêm nessa libertação da câmera outra dimensão do cinema, que de mero aparato técnico passou a compartilhar do filme e ser o elemento básico no contato com a sensibilidade do espectador”.

- Oscar Milton Volpini, *Sorrisos de uma Noite de Amor*: “Ingmar Bergman é imprevisível e quando tem consciência de estar sendo por demais desagradável sabe achar uma maneira feliz de se reencontrar com os anseios do espectador”.

- Roberto Muggiati, *Glória Feita de Sangue*: “A câmera movimenta-se lentamente pelas trincheiras, enquanto aumenta a artilharia e o fumo se torna cada vez mais denso, fazendo cada vez mais distantes os rostos barbados e os olhares amedrontados dos combatentes, até que se perdem em meio à escuridão”.

- Ou Luiz Geraldo Mazza em uma lição de ginástica chapliniana: “Da minha derrota, da minha frustração, sobressai a coreografia: estou gesticulando na rua fria e deserta e esse balé incoerente, em que fome e derrota são elementos de motivação, obriga-me a ficar pasmado e a sorrir aquele riso que não sei o que significa, mas que tem muito de dor.”



Roberto Muggiati entrevista Gina Lollobrigida
(Rio de Janeiro, Carnaval de 1967) | arquivo pessoal

De todos nós, Sylvio Back investiu firme na carreira de cineasta. Lembro de um dia nublado de 1962, ele com uma câmera na mão na janela traseira do DKW de meus pais, eu ao volante, acionando o carro segundo suas ordens para os *travellings* do seu primeiro filme, o documentário *Moradas*, em cena rodada numa favela da periferia de Curitiba.

Seguimos em frente, ganhando a vida em profissões diversas, mas sempre fieis à paixão pelo cinema. É difícil contabilizar quantas horas cada um de nós terá passado diante de um filme. Mas, no escurinho de uma sala de exibição, na tela da tevê ou no monitor do computador (e há até quem veja filmes pelo celular), o cinema, com toda a certeza, nos brindou generosamente com os melhores anos de nossa vida. ■

Roberto Muggiati é jornalista. Começou na *Gazeta do Povo* em 1954. Trabalhou na BBC de Londres e nas revistas *Senhor*, *Veja* e *Manchete*. Escreveu os livros *Mao e a China*, *Rock: O Grito e o Mito* e *A Contorcionista Mongol* (romance).



Uma alquimia sofisticada

APÓS O SUCESSO DE *ESTÔMAGO*,
QUE DESDE 2007 ACUMULA 16 PRÊMIOS
INTERNACIONAIS E 20 NACIONAIS,
O CINEASTA CURITIBANO MARCOS JORGE,
DE 48 ANOS, COMPREENDE QUE A
JORNADA DO ROTEIRISTA E DIRETOR
CINEMATOGRAFICO SE EQUIPARA À
TRAJETÓRIA DO HERÓI, TÃO PERSEGUIDA
PELOS CRIADORES DE HISTÓRIAS

por ADRIANO JUSTINO | fotos MARIANA ZARPELLON



Em meio aos desafios impostos pelas novas tecnologias — a digitalização total da arte, a cruel gratuidade da internet e a transformação radical do modo de se assistir a filmes em nossa época —, ele sabiamente se esforça para realizar o eterno retorno próprio à arte e aos artistas. Em meio à consagração das séries televisivas, à sofisticação do espectador, ele se volta para a importância da narrativa e se esforça por borrar os ilusórios limites entre o cinema autoral e o de massa. “Cinema não tem química, cujos resultados podem ser previstos. Fazer filmes pertence à arte da alquimia.” Na entrevista a seguir, Marcos Jorge fala sobre este momento de mudanças.

Qual a origem da crise do grande cinema?

Com a digitalização, o modelo econômico de se fazer cinema faliu. Foi o que aconteceu com a música. Por algum tempo, metade da receita dos filmes hollywoodianos se baseava na venda de DVDs, e isso acabou. Agora, os filmes estão tendo que “voltar” para as salas, assim como era nos anos 50. A diferença é que os filmes têm de ser fenômenos de massa e, sempre que possível, rentáveis ao máximo. Em vez de filmes novos, investe-se em franquias, já de conhecimento do público e que devem gerar receitas paralelas, como as de *merchandising*. E a digitalização afeta ainda mais o cinema de autor, pois sem a venda de DVDs ele fica ainda menos lucrativo. O cinema passará por uma grande mudança nos próximos 10 anos, na distribuição e financiamento, para se reencontrar.

“Hoje, há muitos que têm uma câmera na mão e nenhuma ideia na cabeça.”

Por isso as melhores cabeças estão seguindo para as séries de tevê?

Sim. Paradoxalmente, as ideias inteligentes, de autor, migraram para a televisão, o que parece algo bizarro. O nível dramático das séries não se encontra no cinema de hoje. Isso porque as tevês ainda conseguem se financiar. Por outro lado, o sistema de distribuição digital *on-demand* é autofágico, pois não remunera o suficiente para investir em novas produções, com exceção das séries que esses próprios canais produzem. Voltando à tevê, os canais a cabo também tendem a minguar e passar por crises sucessivas dessa distribuição digitalizada. O grande desafio agora é achar uma forma de os internautas pagarem pelo que consomem.

O cinema autoral não tem chance de sobreviver por ser um produto mais barato?

As séries são efetivamente mais baratas que o cinema, mesmo nos Estados Unidos. O episódio custa entre U\$\$ 2 e 3 milhões. No cinema, um filme, que equivale a dois episódios, pode custar até 30 vezes mais. Eu mesmo tenho dois projetos de série, um deles [Vladson, financiado pelo Prêmio Estadual de Cinema e Vídeo] será um piloto, no qual testamos diversas possibilidades artísticas interessantes. O tempo dramático das séries é diferente, você tem várias horas para contar a história e as transições dos personagens.

Qual a importância das escolas de cinema?

As escolas de cinema são portas, com entradas não tão definidas como ocorre em outras profissões. Cada trabalhador do cinema tem de criar seu próprio caminho. A base teórica é útil, mas só se aprende cinema fazendo. A escola me deu uma mínima base teórica sobre a qual pude exercitar meus conhecimentos, mas ela é um agregado do passado, com o presente da profissão você lida somente quando sai dela. Aprendi técnicas básicas de narrativas cinematográficas que foram importantes, mas é o set que te ensina. E ele é meio que incontrolável, assim como o é o universo.

A literatura teve alguma influência na sua formação?

Eu não tinha livros em casa, mas aos 8 anos de idade saía de ônibus da periferia e seguia para a biblioteca, passava o dia lá e voltava com livros embaixo do braço. A literatura me abriu para a arte. E os livros me deram prazer. Monteiro Lobato é uma literatura infantil mais elaborada, foi uma fonte de prazer para mim. A literatura é muito sofisticada, mas também muito simples e primitiva. A base do cinema é literatura, mas outras formas de arte também me influen-

ciam ainda hoje, em especial a música e a pintura, não tanto o próprio cinema. O importante é contar histórias. Por mais visuais que sejam os filmes, as estruturas narrativas de como se conta uma história são historicamente estabelecidas pela literatura, que é uma arte mais antiga. A chave para quem quer ser diretor é primeiramente ler muito para aprender como se contam histórias sedutoras.

Como você encontra as coisas boas na profusão de informações da internet?

Antigamente, havia uma dificuldade de acesso, própria àquele mundo analógico. Quando voltava de Londres — no segundo grau ia todo fim de ano para a Europa —, trazia discos na bagagem, as encomendas de amigos. Ouvíamos juntos, havia uma ritualização da arte que fazia com que penetrássemos naquilo com profundidade. Essas dificuldades transformavam as coisas em preciosidade. Além da fruição ser mais coletiva, sacralizávamos a arte pela dificuldade do acesso. Hoje não há mais esta visão, você tem acesso a todo tipo de música, e uma coisa vale

“A narrativa não pode ter tempos mortos. Aqueles filmes de narrativas lentas somente são tolerados hoje em festivais.”

a outra. Separar hoje o joio do trigo é difícil, mas esta peneira o tempo irá fazer. Porém, acho que uma marca do nosso tempo não é a produção de coisas ruins, mas de coisas irrelevantes. Os clássicos ficam na cabeça, valem a pena ser revistos. O cinema que se faz hoje, por exemplo, é realizado muito rapidamente, para ser visto também rapidamente. Ainda nos anos 1990, os filmes tinham mais tempo para se afirmarem no público. É muito difícil não ficar nostálgico ao lembrar daquele tempo em que a literatura e o cinema tinham importância nas nossas vidas.

Apesar da aparência, a indústria cultural parece evitar rupturas, não?

Essa ojeriza às coisas novas só explica em parte essa falta de rupturas, especialmente na indústria cultural. Porém, ela nem mesmo sabe o que é o novo. As releituras têm sido mais importantes, mesmo que hoje, teoricamente, seja mais fácil fazer arte do que no passado. Bem ou mal, para filmar em 35 milímetros não era qualquer “zé mané” que pegava uma câmera. Exigia-se certo profissionalismo. Hoje, há muitos que têm uma câmera na mão e nenhuma ideia na cabeça.

A velocidade da internet reduziu o tempo de apreciação do espectador de filmes?

Pensávamos, até pouco tempo, que as pessoas não tolerariam mais nada longo, que caminharíamos para um microcinema. Mas, hoje, as séries de tevê alcançam até 13 horas por temporada. Eu mesmo quando me interessei chego a ver quatro episódios no mesmo dia. Isso é tão confuso que um filme feito nos anos 1980, o *Berlim Alexanderplatz*, de Rainer Werner Fassbinder, que dura 16 horas, poderia muito bem ser exibido em uma tevê hoje em dia. É engraçado, a sociedade dá sinais contrários das coisas. Preparo uma série aqui em Curitiba, a história de um vampiro adolescente do Sítio Cercado. Ele começa com um monólogo de 90 segundos, e percebo que não se pode perder jamais o interesse narrativo, não pode haver “barrigas” no monólogo. A narrativa não pode ter tempos mortos. Aqueles filmes de narrativas lentas somente são tolerados hoje em festivais.

A conquista do público tem de ser feita em quanto tempo?

Em até 10 minutos em um longa de cinema, onde as pessoas estão “presas”. Em uma série tem de ser nos primeiros 3 a 5 minutos, senão as pessoas trocam de canal. Mas se você as ganha, pode empurrar goela abaixo 13 horas de dramaturgia. Tem de acontecer algo, ser interessante, sem tempos mortos. Ao mesmo tempo, as pessoas entendem elipses que 15 anos atrás ninguém entendia. A linguagem cinematográfica de hoje é filha da tevê e da internet, é muito rápida. Você faz elipses sutis que o público médio compreende. O público que vê séries é refinado do ponto de vista visual, não quer explicação, quer espaço para a imaginação. Há público para tudo, mas você tem de saber o que está fazendo e como atingi-lo.

Você hoje desenvolve projetos com dois grandes grupos internacionais, a Warner e a Paramount. Há espaço para deixar sua marca?

Sim. É verdade que elas querem resultados, querem de 2 a 3 milhões de espectadores. Por outro lado, não há fórmulas definidas de como fazer sucesso, é aí que o autor pode barganhar, dar com uma mão para pegar com a outra. Há margem de manobra do autor, para colocar a sua visão, para não cair vítima de um comercialismo banal. Bem ou mal, todos os envolvidos querem fazer um grande filme, ninguém quer fazer algo ruim. Todos querem ganhar dinheiro e isso é saudável. Mas, para todos, o ideal é fazer dinheiro com um filme bom.

Seis anos depois, a que você atribui o sucesso do filme *Estômago*?

Ele é um concentrado do que eu quis fazer na minha vida, e estava maduro quando fui realizá-lo. E aconteceu a magia que às vezes ocorre, mas que é algo incontrollável. É um filme redondo, amarrado, que dá espaço para o espectador participar da narrativa, com atores bem integrados e boa música. Funcionou porque tem originalidade, consegue ser popular e inteligente, o que é muito difícil de fazer. Vou perseguir esta fórmula até o resto da vida, mas sei que há o risco de os filmes ficarem às vezes menos inteligentes ou mais herméticos. Quando um filme é muito popular e ao mesmo tempo inteligente, a chance é de ir ao Oscar, ganhar grandes prêmios. *O Segredo dos seus Olhos*, filme argentino ganhador do Oscar de filme estrangeiro de 2010, tem esta pegada, é uma história linda e que te pega pelo coração, simples e acessível, um sucesso de público e de crítica.

“A chave para quem quer ser diretor é primeiramente ler muito para aprender como se contam histórias sedutoras.”

Você fez vários curtas, entre eles o premiado *Infinitamente Maio*. Qual é a dor e a delícia de se fazer curtas-metragens?

A dor é que dá o mesmo trabalho que um longa, e tem bem menos repercussão. Antes até repercutiam em festivais, hoje é difícil — são 500 filmes feitos por ano. Muita gente ouve falar, mas quase ninguém os vê. A delícia é que o curta é um gênero à parte: em 10 minutos você emociona, faz rir e pode ser relevante.

E do longa-metragem?

A dor, no Brasil, é a dificuldade de fazê-los. O sistema não privilegia o automatismo: você faz um bom filme e isso não abre portas, ainda leva anos para viabilizar o filme seguinte. Levamos seis anos para fazer um filme, assim não conseguimos ter filmografia, não experimentamos. E o cinema é alquimia, não química, não tem resultado claro. O cineasta tem de experimentar para acertar a mão. A delícia do longa é que nele trabalhamos com mecanismos sofisticados de representação, comandamos um transatlântico que transporta multidões para outros universos. O set é o lugar mais angustiante e mais feliz, concentra todas as energias, problemas e qualidades das pessoas — ali a vida é concentrada. ■

.....
• Adriano Justino é jornalista e documentarista. Dirigiu os curtas
• *O Rei Está Doente* e *O Dia da Neve* e o telefilme *Geada Negra*.
•





Se Deus quiser eu e se crescer

A ESCRITORA LUCI COLLIN APRESENTA UM CONTO
SOBRE REDAÇÕES DE FÉRIAS, PROMESSAS E A
DESCOBERTA DA ESCRITA COMO INVENÇÃO

ilustração PEDRO FRANZ

(PORFAVOR, faça com que a Dona Elza não ME chame! Eu imploro! Que ela chame OUTRO. Prometo não falar PALAVRÃO por um MÊS!)

– José Dionei, leia a sua, por favor.

(GRAÇAS! Chamou o Dentuço).

Nas férias a gente foi para Umuarama. A gente foi em dois carros porque o vô e a vó também quiseram. Lá o meu tio Riba tem uma fazenda de gado e vaca e a minha tia Keiko é mulher dele e nasceu no Japão mesmo mas veio de pequena pra cá. Na fazenda a gente nada no Rio Piava e a tia faz muita comida e a gente toma leite direto. Meus primos sabem falar umas palavras em japonês e é engraçado. Meu vô comprou um relógio para mim e um chapéu para ele. Num dia a gente foi numa feira de gado e passou o dia lá. O que eu mais gostei foi do rodeio que tinha touro bravo e um peão se esborrachou inteiro mas sem sangue, ainda bem porque a vó não pode ver sangue mas o meu pai disse que é frescura. A gente também visitou o Lago do Aratimbó.

– Muito bem! Agora...

(MEU DEUS, faça com que a Dona Elza NÃO fale o MEU nome!! Eu não POSSO ler a minha! PROMETO não deixar PRATO no sofá nem pacote de BOLACHA aberto NUNCA mais e...)

– ...Maria Denise, por favor.

(OBRIGADO! Chamou a Baixinha).

Em nossas férias passamos em Campo Mourão porque meus avós moram lá e meu avô é vice-prefeito da cidade. Meu tio Inácio é diretor da Cooperativa de milho e fomos visitar. Passeamos com minhas tias e vimos o Teatro Municipal e o Museu Deolindo Pereira onde tem objetos raros e até um piano alemão. Também fomos na Missa na Catedral e teve batizado do meu priminho Lucas André. A casa do meu avô fica na frente da Praça Getúlio Vargas. A tia deixou eu pegar o Luquinha no colo e ajudei a dar banho. No domingo fomos na fazenda e eles prepararam carneiro no buraco que é o prato típico da cidade e minha prima Carmem Célia que tem 17 anos não comeu porque ela é contra matar animais mas minha tia disse que é só uma fase.



(Já Tá bom, Dona ELZA! Por favor, DEUS, não deixe ela ME chamar! PROMETO que ajudo a MÃE a lavar a LOUÇA por um MÊS. Me LIVRA desta!)

– Paulo Emílio, sua vez.

(Graças! Chamou o Gordo. Prometo ir na Missa TODO domingo por um ANO. PROMETO não empurrar NINGUÉM na FILA pro recreio!)

A gente foi nas férias pra Cornélio Procópio. Minha mãe nasceu lá e tem os tios e muitas primas dela que tipo casaram e ficaram lá vivendo. O irmão da minha mãe é médico e trabalha na Casa de Saúde de lá. Todo mundo foi passear num bosque que se chama Manoel Júlio de Almeida que era um parente da minha mãe. Lá eu vi um caxinguelê que eu nunca tinha visto e uma porção de outros bichos tipo uma coruja branca. Na cidade eu gostei do monumento Cristo Rei que é tipo um mirante que dá pra ver a cidade lá de cima. Cornélio está se desenvolvendo, foi meu pai que falou e meu tio disse que não sabe se gosta disto. Um tipo primo da minha mãe comprou um matchbox pra mim. A gente foi na loja e eu escolhi. Meu pai foi caçar mas não deixaram a gente ir porque só ia adulto. Meu primo Raul quebrou o braço. Foi a terceira férias que nós fomos em Cornélio.

– Parabéns aos que leram. Na próxima aula de Língua Portuguesa continuaremos as leituras. Depois do recreio passaremos para o conteúdo de Educação Moral e Cívica.

(FAÇA a ESQUECER na próxima aula!! Dá uma AMNÉSIA nela, POR FAVOR!)

Não posso ler a minha! Como é que eu vou contar que fiquei as férias inteiras aqui na cidade? Trancado aqui em casa na frente da tevezinha ou lendo os livros da Biblioteca Pública? Comendo pão com sardinha ou senão miojo? Que a minha mãe não tem dinheiro pra gente ir nem no Jardim Paraíso? Que ela trabalha noite e dia pra pagar o aluguel e a escola pra mim? Que eu não tenho pai e nem sei dos meus avós? Que quando eu pergunto da família a mãe só diz Vamos mudar de assunto? Que eu nem sei nadar nem pescar? Que eu nem tenho relógio?

Eles vão rir de mim se eu contar a verdade. Vão morrer de rir.

Que que eu faço?

– Ricardo, sua vez.

(Putz, ela me pegou!)



Nas férias minha família (seis tios do lado do meu pai e cinco da mãe e mais os primos) foi em vários ônibus pra Curitiba visitar meus avós paternos e maternos. Meu pai dirigiu um dos ônibus que são da empresa do irmão dele. Ele é advogado mas está acostumado a dirigir ônibus leito e até avião meio pequeno ele sabe. Todas as férias vamos na capital. Um avô meu foi vice-prefeito de lá várias vezes e o outro foi deputado. Na casa deles tem piscina com tobogã e eu adoro nadar lá. Meus tios trabalharam no Hospital Central da Capital e a gente sempre vai visitar. É o maior da América Latina. Eles me deixaram entrar e até ver uma cirurgia porque meus tios são médicos e conhecem todas as enfermeiras. Uma tia minha trabalhou na TV e eu fui num canal e vi como eles gravam as novelas e filmes e encontrei vários artistas mas eu nem quis tirar foto. Eles perguntaram se eu queria fazer um comercial mas eu disse que não dava tempo. Fomos numa rua onde só tem lojas e minha mãe comprou várias bolsas e perfumes. A gente foi na Confeitaria Curitibana que tem três andares e eu tomei um sorvete de caqui. Ganhei um autorama e vários tênis de modelos que só tem lá em Curitiba. Deixei tudo lá porque fiquei com preguiça de trazer. Meu pai comprou um rifle igual daqueles do exército, pra ir caçar nas fazendas dos meus tios onde tem vários bichos enormes e raros como cachepa, tundrina e jabiturá. Eu vi dos três. O jabiturá só aparece quando neva. Nós fomos na Praça Amarildo Sanches que tem uma cachoeira, no Teatro Guaíba que é o maior do Paraná e na Catedral Curitibana que é a maior do Brasil. Cabe 2 mil pessoas sentadas. Lá foi o casamento da minha prima Siomara que tem 18 anos. Nas fazendas dos meus tios tem plantação de soja, café e trigo e também criam galinha pra exportar pros EUA. A gente nadava no Rio Igarati que abastece Curitiba e andava de barco no Rio Issaína. Peguei um dourado de 16 quilos numa das pescarias. Nos domingos minhas avós preparavam o prato tradicional de Curitiba que é Lagosta com Molho Branco e meu primo não quis comer porque anda enjoado, mas a tia disse que quando ele ganhar o carro ele sossega. Durante a semana a tia Makiko, que é japonesa e nem fala português, preparava pratos do Japão e da China mas eu não decorei os nomes. Vários primos meus falam japonês e chinês perfeito. Meu primo Aldo quebrou uma escápula praticando esqui e o outro que se chama Emanuel quebrou o fêmur quando pulou de paraquedas da Montanha Esplanada que fica ao norte de Curitiba. As férias foram boas mas também ficamos felizes de voltar. Afinal a vida continua!

Risadas. “Que potoca!”. Gargalhadas. “Ai que facão!”. Voa uma bolinha de papel em mim. “Que lorota!”. A ruivinha besta da Ana Amélia diz: “Que ri-dí-culo!”. Voa uma borracha em mim. Alguém, que eu nem sei quem, diz: “Que retardado!”.

– Ricardo, nós vamos ter uma conversinha na Diretoria no final da aula! E basta de comentários! O próximo que der um pio sai de sala!

(Que fria que eu entrei! Deus, POR FAVOR me salve! Não deixe eles chamarem a mãe! PROMETO que não fico NENHUM dia sem tomar banho. Por UM MÊS.

Que será que ela não acreditou da minha redação?)

•

E agora esta chatice que a Dona Elza inventou: o que é que a gente quer ser quando crescer? Sei lá! Uma coisa legal e que ninguém ria de mim. Sei lá eu. Deixa eu pensar no que exatamente.

•

– Reginaldo, sua vez de ler a tarefa de casa.

Quando eu crescer quero ser médico pra trabalhar na Santa Casa de Misericórdia como meu pai só que ele é clínico geral e eu quero ser cardiologista porque cuida do coração e dá mais dinheiro porque hoje tem mais pessoas com gordura nas veias que entopem.

– Que bela perspectiva de vida! Isabelzinha.

Quando eu crescer quero ser enfermeira como a Ana Neri. Eu li a vida dela na enciclopédia e se tiver uma guerra de novo eu quero ir para ajudar os feridos e passar as noites cuidando deles e dando remédios no horário...

– Muito bem. É importante pensar nos outros. Silvia Helena.

Quero ser aeromoça que é uma profissão que a gente pode conhecer muitos lugares e tem que ajudar as pessoas a se acalmarem antes e durante o voo. Eu gosto de dar informações e vou aprender inglês e outras línguas pra poder falar com todos em estrangeiro. Mas também penso de ser professora.





– A dedicação ao Magistério é um belo projeto de vida!

(Puxa-saco, isto sim! E a Dona Elza ainda acredita!)

– Dulcio.

Eu queria trabalhar no açougue do meu tio mas o pai falou que eu tenho que ser dentista porque não tem muitos na cidade e eu posso ficar rico. Só pra tapar uma cárie da minha irmã a mãe gastou um monte e ainda teve que ir pra Apucarana porque aqui era mais caro ainda.

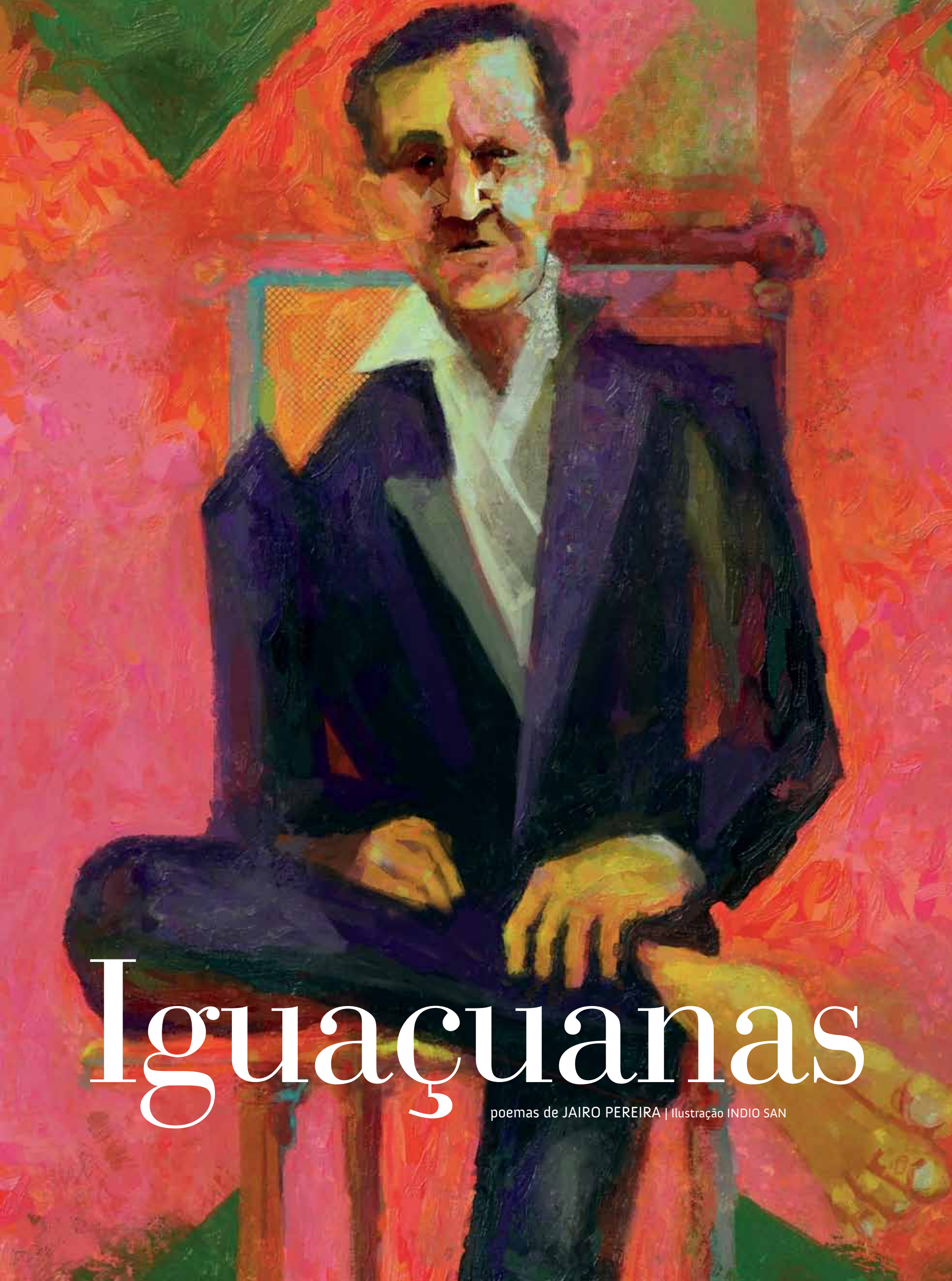
– Uma bela profissão! Ricardo.

(SEJA O QUE DEUS QUISER!)

Li um livro onde a menina cai na toca de um coelho que tem pressa e no fim uma Rainha de baralho quer cortar a cabeça dela. O autor se chamava Charles mas até mentiu que seu nome era Lewis e ninguém riu dele nem da história dele. Li um que tinha uma boneca que falava e um visconde feito de sabugo e todo mundo aceitou. Li um onde um carinha vai numa ilha com gigantes e até num país governado por cavalos. O autor se chamava Jonathan mas usou o nome falso de Lemuel. Inventou coisas malucas só pra disfarçar e poder criticar o que via de errado na cidade dele. Escrever ou ler é bom pra escapar deste mundo. Por isso que eu quero ser escritor.

– Diretoria, seu desaforado! I-me-dia-ta-mente!

(Tô frito! Que oDiretorNÃOesteja lá! PROMETO ficar sem LER por um MÊS!) ■



Iguazuanas

poemas de JAIRO PEREIRA | Ilustração INDIO SAN

Hipótese de um Autorretrato Pictórico

O rosto, assim composto:
face esquerda pontilhista
face direita, impastos
nos laivos
de Neo-Impressionismo
os cabelos, negros, esfumados
sem compromisso
presença de Gauguin
no gesto bruto, censurado
toques clássicos na
veladura
claros escuros de Rembrandt
pelo corpo
o nariz lembrando Southine
um rasgo na massa grossa
de cor
nesgas de cinza e púrpura
pelo peito mezzocubista
o irresolvido na criação
próprio do
contemporâneo livre, vista
a obra de lado
Portinari, nos pés de chãos
bem pisados
Van Gogh, no amarelo
das meias
Dali, nos olhos miúdos
arregalados
Picasso, nos braços e pernas
quase enleados.
Eis, o autorretrato do poeta
feito de pigmentos vivos
extraídos da mata sobrevivida
em que sobreviveu
coração trançado de
cipós-açus, encantos de rio
e noites grandes
desejos de apreensão do
objeto poético
delírio, verthigem, nos verdes
conjugados
:megalomania de inventor:
e sonhos em preto e branco.

O Caingangue

O Caingangue me estende
as mãos
mãos limpas de terra
curtidas de embiras
nos seus olhos, noites grandes
caçadas, roçados, colheitas
aventuras de terra e rio
pinha, pinhante, pinhão
milho, mandioca, feijão
cestos trançados do viver
:a vida: no todo dia
a poesia tosca do chão
movimento, andanças
bichos no cio
balaies, chocalhos
arcos e flechas, pintados
em anilina, azuis e verdes
linguagens de mata, dias
noites, sons e tempestades
os curumins inventam
brinquedos com cipós e frutos
de estação
alaridam como gralhas
ao redor da fogueira
as pequenas almas puras
o futuro, nada ou pouco
lhes diz
em poeta, invado aquela
massa verde, invado, toco
conheço
aqueles carreiros de bichos
e homens
a flecha Caingangue transpassa
o tempo e acerta o alvo
abstrato nas cores aniladas
do futuro.

: O POETA, NU:

Até que enfim
ela se tocou
era poeta o pensamenteiro
(pensador é o que pensa
pensamenteiro é o que faz e pensa)
de tudo quanto fabricou
nada deu certo:
barcos, pontes, remédios
aviões, dólares, documentos
ser da eterna dúvida
guardava estrelos no porão
cantava diariamente uma tal
"Balada dos seres complexos"
adorava os signos do zodíaco
jogava no bicho
era perdido em artes



umas três ou quatro
omente da filosofia
gigolô da semiótica
capacho da pintura
impostor da POESIA
até que enfim
ela se tocou
era poeta e abduzido
o trastemão's da proselitística
daquela vez uma loirinha
:ingrata das araucárias:
quase deu o maior BO
bêbado e noctívago



fuma que dá medo
o cafeíno
tem filhos em outras esferas
faz poemas de cipós trançados
mente pra si mesmo
é pródigo em delírios
compositor de cavalos
levanta tarde
e com seu olhar grave
de mezzofilósofo
de aldeia
desencanta os passarinhos.

O Poeta: Nu

Até que enfim ela entendeu
era poeta o pensamenteiro
(pensador é o que só pensa
pensamenteiro
é o que faz e pensa)
de tudo quanto fabricou
nada deu certo:
barcos, pontes, remédios
aviões, dólares, documentos
ser da eterna dúvida
cantava diariamente uma tal
"Balada dos seres complexos"
adorava os signos do zodíaco
jogava no bicho
era perdido em artes
umas três ou quatro
amante da filosofia, gigolô
da semiótica, capacho da
pintura, impostor da poesia
até que enfim ela se tocou
era poeta e abduzido
o trastemão's
da proselitística
daquela vez uma loirinha
:ingrata das araucárias:
quase lhe dá o maior BO
bêbado e noctívago, fuma
e bebe alocado, o cafeíno
teve casos sérios nas estrelas
filhos, em outras esferas
faz poemas
de cipós trançados
mente pra si mesmo
é pródigo em delírios
compositor de cavalos
arranjador de trovões
levanta tarde e com seu
olhar grave de mezzofilósofo
de aldeia
desencanta os passarinhos.

O Ser do Encontro

O poeta peripatético
aquela noite, dá de cara
de repente, com um ser
de outro planeta
:O ser é da dúvida e do
espanto:
O poeta nervoso, acende
um cigarro
O diálogo que se estabelece
é de império, sereno.
Pede o anfitrião do acaso:
Ansiedade, medo, amor
lhes acometem também?
Ilusão na ilusão?
Arroubos do sonhar?
Sem contar das aporias
filosóficas, contradições
silogismos falhos, todo
o inexpugnável?
O ser, responde convicto
por código intramente:
as linguagens, estruturas
de pensamento tem vias
só de ida em nosso orbe
vias de ir e resolver o dito
outros modos linguísticos
evoluídos do conhecer
em sendo, nos projetam
a algo frio, objeto indiferente
na relação do eu com outro
éticas, estéticas, pensar e
fazer, compõem o megatriz
a máquina autônoma que
opera toda comunicação
e resolve todos os conflitos.

O poeta agarrou-se nos seus
cogitos. A lua deitou midnight
atrás da casa. O visitante
das estrelas, pede cigarros
mantendo-os acesos entre
os protodados.
Irmãos de dúvida e espanto
ambos queimam um
maço de Fox do Paraguay.
O bem chegado do planeta
XPTY'WAL 5000, relutante
aceita um café.
O poeta ensaia um poema
de lírios e tormentas
ocupações de sem-terras
às margens do rio Iguaçu
e desejos. Um breve aceno
de despedida. O ser da visita
espanto e dúvida, adentra
a nave rotativa
e ponto de luz
desaparece na noite grande.
A língua é una, os códigos
moucos, as emoções sob
controle do Megatriz
naquelas vias. Foi o que
deixou bem claro
o transfeliz.

De Artes & Ofícios

O artífice tira
o máximo da matéria
:vida:
tira dor, paixão
poesia, dúvida, sentido
espanto, loucura
alegria, sublimação.
Não perde um detalhe
da colcha dos seus
retalhos
não dispensa uma mancha
fauve do viver, sofrer, amar
sonhar.
A matéria é densa
o fazer, zelo de artesão
as linhas bem trançadas
belos
os desenhos dos bordados
à mão
linguagens de chãos
linguagens de sins
e nãoos.

Artífice de peças raras
inventor de eclipsemas
poemas voláteis
inscritos na pedra
da memória.
Intelecção e labor
ofícios de escrita, pincel
agulhas, formões.
Ofícios na madeira
cimento e pedra.
A coisa poética vindo
à lume
firmada na matéria
:vida:
a coisa poética
desafiadora ao criador.
Artes e ofícios, sonhos
ilusões do gestor
dos signos
ímpetos de vencer os
mundos da criação.



Jairo Pereira é advogado e escritor. Publicou os livros *O Abduzido* (romance), *Capimiã* (poesia) e *O Artista de Quatro Mãos* (contos), entre outros. Vive há mais de 20 anos em Quedas do Iguaçu (PR).



AS crianças cantando nas janelas

O ESCRITOR E JORNALISTA IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO RESGATA
TRÊS MOMENTOS MARCANTES DE SUAS PASSAGENS PELO PARANÁ

ilustração RETTAMOZO



Começo dos anos 90. A cada 15 dias, eu desembarcava em Curitiba e ia para o hotel Mabu, que funcionou como uma espécie de QG meu por dois anos, enquanto pesquisava para escrever a biografia de Avelino Vieira, fundador do Bamerindus. O convite tinha vindo de Maria Christina, a filha dele, que ficara cheia de dedos na hora de me convidar. “Um escritor de ficção como você aceitaria um trabalho de encomenda?”, perguntou, finalmente, em um almoço cheio de silêncios, pelo constrangimento dela e pela minha timidez. O encontro tinha sido promovido por um amigo comum, o publicitário Oscar Colucci, que tinha na época a conta do banco.

Quando ela me contou a trajetória de Avelino, o homem que em 1929, em plena crise econômica mundial, tivera a ousadia de fundar um banco em Tomazina, vila de 2 mil habitantes no interior do Paraná, lugar servido por estradas de terra, distante de tudo, aceitei. Era um romance de aventuras e ousadia. Parte da história das empresas privadas e da evolução dos bancos no Brasil a partir de tempos pioneiros.

Fiquei fascinado. Comecei, sem contrato. Ela confiou em mim, eu nela. Recebia um salário mensal, sem prazo estipulado. Mulher incrível aquela Maria Christina. Percorri quase todo o Paraná em ônibus e eventualmente em avião, quando a cidade era maior, possuía aeroporto e linhas aéreas. Conhecendo gente, conversando com velhos funcionários e diretores, mergulhando um pouco na história do estado, fascinante.

Certa vez, em pleno dezembro, cheguei ao Palácio Avenida, onde sempre me reunia com Maria Christina e Maria Alice, uma de suas assessoras, e me vi num tumulto. Gente por todo lado, janelas abertas, crianças sendo amarradas por cinturões de couro (O que vem a ser isso? Pensei), fios de lâmpadas coloridas sendo preparados, festões de Natal. Christina mal podendo me dar atenção. “Fique por ai, depois te explico”. Fiquei. A confusão foi se organizando e percebi que aquelas crianças, meninos e meninas, tinham uma espécie de suspensório de couro, ligados a correias que, por sua vez, se fixavam em pontos do chão. Estranho.



Ninguém falava comigo. Mistério total. O que se passava? Eletricistas estendiam fios, caixas de som eram penduradas por fora, mas de maneira a ficarem invisíveis. Um batalhão de gente trabalhando, cada um com sua tarefa. Passavam pela minha frente cordões, pendões coloridos, caixas de lâmpadas coloridas. Finalmente, Christina me apanhou e fomos tomar um chá, jantaríamos à noite no Bologna, naquela época, vizinho ao Palácio.

— Você pode ficar mais dois dias aqui?

— É importante?

— Eu diria que muito, para mim.

— Posso.

Sempre fui assim, deixando-me levar pelas circunstâncias, e Christina parecia ansiosa para que eu ficasse. Com o tempo, tínhamos abandonado nossas reservas, nosso fechamento, batíamos longos papos sobre literatura, teatro, ela adorava teatro, shows. Fomos nos aproximando, fazendo amigos comuns, ela ia a São Paulo, jantávamos, percorríamos livrarias. Mulher firme, decidida, como se diz em Araraquara, onde nasci. Interessada no mundo, nas lutas femininas, em filosofia, em construir coisas. Hiperativa, criativa.

— Por que quer que eu fique?

— Surpresa. Fique por ai, vá a Paranaguá, a descida da serra para quem foi filho de ferroviário como você vai te deixar feliz.

Fui a Paranaguá, parei em Morretes, comi o barreado, fiz hora. Voltei. No dia seguinte, passei o dia com o velho Ghignone, um amigo de longo tempo, na sua sala decorada com fotografias de escritores com quem ele tinha convivido. Entre eles, Graciliano Ramos, Erico Verissimo e outros. Tempos em que os livreiros se davam com os escritores, sabiam tudo de cada um, faziam amizade, amavam os livros.

No terceiro dia, Maria Christina passou pelo Mabu, caminhamos. A noite caía quando chegamos diante do Palácio Avenida, entramos em um hotel defronte, fui vendo gente conhecida, Sergio Reis, do marketing, Oscar Colucci, criador do “Gente Que Faz”, os filhos de Maria Christina, diretores como Jair Mocelyn e sua mulher, Lycia. O hotel inteiro foi arrendado e transformado em um camarote de muitos andares para os convidados do banco.

Luzes se acederam, janelas se abriram, crianças apareceram em cada janela. Centenas de crianças começaram a cantar músicas natalinas. Me deu um arrepio. Entendi aquela movimentação. Eu tinha sido admitido aos bastidores de um espetáculo que, naquele momento, era único no Brasil. As ruas totalmente tomadas pela multidão, os curitibanos também surpresos e encantados. Todos sabiam ser testemunhas de um instante histórico para a cidade. Um evento que passou a fazer parte do calendário cultural não apenas do Paraná, mas do Brasil. E eu ali, tendo conhecido os bastidores, aos quais pouquíssimos tinham acesso.

Publiquei o livro sobre Avelino, chama-se *Olhos de Banco*. Avelino era um homem que, olhando para o sujeito à sua frente, sabia se ele pagaria ou não o empréstimo pessoal ou o financiamento que era pedido. Nunca errou.



Era daquele estirpe de banqueiros apaixonados pelo dinheiro, mas também pelas pessoas, sabia traduzir sonhos e tornar alguns possíveis. Quanto a mim, continuei por anos e anos a vir para o coral dos meninos nas janelas. Até hoje, quando ouço cânticos de Natal, me lembro de Maria Christina, do pai dela e de meu primeiro livro feito sob encomenda, que me deu prazer pelas descobertas provocadas.

Quando ela morreu, tão nova, senti um choque e um vazio. Há tempos tento escrever uma crônica somente sobre ela. Não consigo, fico travado. Será que o Paraná tem noção da mulher que perdeu?

Os pastéis de Sabino

Vim muito ao Paraná para fazer palestras pelo interior. Ponta Grossa, Maringá, Londrina, Pato Branco, Francisco Beltrão, assim por diante. Um ano, desci no aeroporto, fui apanhado por um professor e levado a um hotel, onde Fernando Sabino me esperava para irmos à Ponta Grossa. Foi nessa manhã que conheci Dalton Trevisan, um homem extremamente gentil, com o qual conversei por minutos.

Partimos, eu ouvindo Sabino contar histórias e mais histórias. Era um homem encantador, proseador, rompida uma primeira barreira natural. Conheci a famosa agenda dele, onde havia de tudo. Dia da palestra, professor que o receberia, os números dos tickets dos aviões, os telefones de amigos, nomes de jornalistas a quem devia mandar livros. Enfim, um resumo de sua vida. Aquela agenda era sua bússola. Dado momento, paramos em um boteco

de estrada para tomar um café. Aquele café de coador de pano que no interior de São Paulo é chamado de chafé, ou água de borra, que é a água da lavagem do bule. Sabino me perguntou:

— Na sua terra, qual é mesmo ...?

Não era arrogância, nem desprezo, era falta de memória, na verdade acho que eu nunca tinha dito de onde era.

— Araraquara...

— Pois lá se diz bules, no plural, ou piri, no singular, com “i”, como em algumas cidades do interior de Minas?

— Hoje, não mais. Na infância ouvi muito.

Neste momento, o dono do café se aproximou, Sabino olhou uma estufa em cima do balcão, havia ovos empanados, asinhas de frango no molho, linguiça meio esturricada com cebola e uns pasteis de estranho aspecto.

— Este pastel é de quando?

Ansioso por vender, o dono não hesitou:

— Fritei hoje de manhã. Quer?

— Não, nem pensar. Só como pastel de ontem. De ontem. Pastel curtido, pegou o gosto.

O dono fez uma cara desapontada, porém Sabino arrematou:

— Pode me dar esse pastel que me parece de anteontem.

Comprou e comeu. Só morreu muitos anos depois.



Affonso?

Estava em Guarapuava com a Marina Colasanti, numa serie de viagens patrocinadas pelo Sesc. Uma hora, naquelas caminhadas que faço de reconhecimento para olhar as ruas, ver as pessoas, as lojas, as igrejas, ou se ainda existe cinema, um grupo de quatro lindas moças se aproximou, excitado.

— Podemos tirar uma foto com o senhor?

— Claro que podem.

Fizemos uma foto com as quatro juntos, depois cada uma quis a sua, me abraçavam felizes e sorridentes. Então, disseram:

— Pena que a gente não tenha seu livro aqui para um autógrafo. Mas a foto já valeu.

Agradeceram e me abraçaram. Deram quatro passos e voltaram-se:

— Adoramos te conhecer, Affonso Romano de Sant’Anna. O senhor é tão bonito quanto nos livros. ■

.....
• Ignácio de Loyola Brandão é escritor e jornalista. Trabalhou nos maiores
• veículos de comunicação do Brasil e publicou mais de 30 livros, entre eles
• *Zero, Não Verás País Nenhum* e *O Menino que Vendia Palavras*.

Governo do Estado do Paraná

Beto Richa | Governador
Paulino Viapiana | Secretário de Estado da Cultura
Valéria Marques Teixeira | Diretora-Geral da SEEC

Revista Helena

Consultoria Editorial
Ernani Buchmann

Coordenador Editorial
Rogério Pereira

Conselho Editorial
Thaísa Teixeira Sade
Marcio Renato dos Santos
Luiz Rebinski Jr.

Conselheiro convidado
Marcio Abreu

Edição Executiva
Omar Godoy

Projeto Gráfico | Edição de Arte
Rita Soliéri Brandt | Coordenadora de Design Gráfico | SEEC
Adriana Salmazo Zavadniak | Design Gráfico

Revisão
Marjure Akemi Kosugi

Apoio Administrativo
Vilma Gural Nascimento | Assessoria da BPP
Ana Caroline Marques | Grupo Auxiliar Financeiro BPP

Colaboradores publicados nesta edição

Adriano Justino
Alexandre Gaioto
Amauri Martineli
André Pugliesi
Carlos Dala Stella
Claudio Yuge
Daniel Caron
Diogo Cavazotti
Foca Cruz
Ignácio de Loyola Brandão
Indio San
Jairo Pereira
John Dos Passos
José Aguiar
Juliana Stein
Kraw Penas
Luci Collin
Luiz Felipe Leprevost
Luiz Rettamozo
Luiz Solda
Marcio Renato dos Santos
Mariana Zarpellon
Pedro Franz
Roberto Muggiati
Saulo Haruo Ohara
Theo Marques

Capa | Juliana Stein

Agradecimentos
Editora Benvirá



Impressão

Departamento de Imprensa Oficial do Estado – DIOE
Papel Polen Soft 80g | miolo e Papel Offset 240g | capa

Esta é uma publicação da
Secretaria de Estado da Cultura do Paraná | SEEC
Ano 2 | número 3 | setembro 2013

Tiragem | 5 mil exemplares
Distribuição gratuita e dirigida

Os textos assinados são de responsabilidade dos autores.
Proibida a reprodução parcial ou total dos textos, fotos
e ilustrações por qualquer meio, sem autorização prévia.
Todos os direitos reservados.

Sugestões e críticas devem ser encaminhadas para
seec@pr.gov.br

Helena na web
www.cultura.pr.gov.br
www.facebook.com/revistahelena
issuu.com/revistahelena



COMPARTILHE SUA REVISTA HELENA

Governo do Estado do Paraná

Beto Richa | Governador
Paulino Viapiana | Secretário de Estado da Cultura
Valéria Marques Teixeira | Diretora-Geral da SEEC

Revista Helena

Consultoria Editorial
Ernani Buchmann

Coordenador Editorial
Rogério Pereira

Conselho Editorial
Thaísa Teixeira Sade
Marcio Renato dos Santos
Luiz Rebinski Jr.

Conselheiro convidado
Marcio Abreu

Edição Executiva
Omar Godoy

Projeto Gráfico | Edição de Arte
Rita Soliéri Brandt | Coordenadora de Design Gráfico | SEEC
Adriana Salmazo Zavadniak | design gráfico

Revisão
Marjure Akemi Kosugi

Apoio Administrativo
Vilma Gural Nascimento | Assessoria da BPP
Ana Caroline Marques | Grupo Auxiliar Financeiro BPP

Colaboradores publicados nesta edição

Adriano Justino
Alexandre Gaioto
Amauri Martineli
André Pugliesi
Carlos Dala Stella
Claudio Yuge
Daniel Caron
Diogo Cavazotti
Foca Cruz
Ignácio de Loyola Brandão
Indio San
Jairo Pereira
John Dos Passos
José Aguiar
Juliana Stein
Kraw Penas
Luci Collin
Luiz Felipe Leprevost
Luiz Rettamozo
Luiz Solda
Marcio Renato dos Santos
Mariana Zarpellon
Pedro Franz
Roberto Muggiati
Saulo Haruo Ohara
Theo Marques

Capa | Juliana Stein

Agradecimentos
Editora Benvirá



Impressão

Departamento de Imprensa Oficial do Estado – DIOE
Papel Polen Soft 80g | miolo e Papel Chambril 230g | capa

Esta é uma publicação da
Secretaria de Estado da Cultura do Paraná | SEEC
Ano 2 | número 3 | setembro 2013

Tiragem | 5 mil exemplares
Distribuição gratuita e dirigida

Os textos assinados são de responsabilidade dos autores.
Proibida a reprodução parcial ou total dos textos, fotos
e ilustrações por qualquer meio, sem autorização prévia.
Todos os direitos reservados.

Sugestões e críticas devem ser encaminhadas para
seec@pr.gov.br

Helena na web
www.cultura.pr.gov.br
www.facebook.com/revistahelena
issuu.com/revistahelena



COMPARTILHE SUA REVISTA HELENA



Um pouco
de muito
da nossa
cultura